

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ELIZABETH LUIZA DA SILVA

TERAPIA COMUNITÁRIA
ÉTICA, RESILIÊNCIA E ACONSELHAMENTO PASTORAL

São Leopoldo

2014

ELIZABETH LUIZA DA SILVA

TERAPIA COMUNITÁRIA
ÉTICA, RESILIÊNCIA E ACONSELHAMENTO PASTORAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Lothar Carlos Hoch

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586t Silva, Elizabeth Luiza da
Terapia comunitária: ética, resiliência e
aconselhamento pastoral / Elizabeth Luiza da Silva ;
orientador Lothar Carlos Hoch. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2014.
73 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Psicoterapia de grupo. 2. Serviços de saúde
comunitária. 3. Ética profissional. 4. Resiliência (Traço
de personalidade). 5. Aconselhamento pastoral. I. Hoch,
Lothar Carlos. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ELIZABETH LUIZA DA SILVA

TERAPIA COMUNITÁRIA
ÉTICA, RESILIÊNCIA E ACONSELHAMENTO PASTORAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data: ____ / ____ / 2014.

Lothar Carlos Hoch – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Faculdades EST

“A dor é inevitável. O sofrimento é opcional”.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A área da Assistência Social vem experimentando um avanço rumo a uma maior aproximação com os pressupostos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Uma das possibilidades de avanço pode ser a Terapia Comunitária (TC), que funciona como uma ferramenta de ajuda no cuidado do outro. Esta pesquisa investiga as transformações produzidas que, a partir de várias rodas de terapia comunitária, promovemos junto a pessoas oriundas do Programa Bolsa Família. Essas pessoas passam diariamente pelo CRAS/CREAS do Gama, Cidade Administrativa de Brasília, com a busca de uma melhor compreensão de si mesmas e dos outros, acreditando no potencial de transformação de cada pessoa. A Terapia Comunitária vem interagindo com a Ética, a Resiliência e o Aconselhamento Pastoral, propostas estas que ajudam a melhorar e mudar a autoestima, transformando o cotidiano das pessoas. O vínculo comunitário, a amizade e a presença da resiliência tornam possível uma reconstrução de vínculos perdidos. Algo dessa transformação conseguimos alcançar com o nosso trabalho. Esperamos que este estudo sirva de incentivo para novas investigações.

Palavras Chave: Terapia Comunitária. Ética. Resiliência. Aconselhamento Pastoral.

ABSTRACT

The area of Social Assistance has been experiencing a progress towards a closer relationship with the assumptions of the Social Assistance System (SUAS). One of the possibilities for the progress may be the Community Therapy (TC), which functions as a tool to assist in the care of others. This research investigates the transformations, from various community therapy circles, that we promoted along with these people from the Bolsa Família Program. These people come daily to the CRAS/CREAS Gama, Administrative City of Brasilia, searching for a better understanding of themselves and others, believing in the potential of transformation of each person. Community Therapy has interacted with Ethics, Resilience and Pastoral Counseling, proposals that help them improve and change their self-esteem, transforming people's daily lives. The community bond, the friendship and the presence of resilience make a reconstruction of lost links possible. Some of such transformation we have achieved with our work. We hope that this study encourages further investigations.

Keywords: Community Therapy. Ethics. Resilience. Pastoral Counseling.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

| | |
|-------|--|
| TC | Terapia Comunitária |
| CRAS | Centro de Referência da Assistência Social |
| CREAS | Centro de Referência Especializado da Assistência Social |
| SUAS | Sistema Único da Assistência Social |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 BREVE HISTÓRICO DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA | 15 |
| 1.2 Pressupostos teóricos | 18 |
| 1.3 A Terapia Comunitária no Âmbito do CRAS/CREAS | 21 |
| 1.4 O Papel do Terapeuta Comunitário | 23 |
| 1.5 Os Passos da Terapia Comunitária..... | 25 |
| 2 A ÉTICA NA TERAPIA COMUNITÁRIA | 32 |
| 2.1 A História da Ética na Filosofia Grega..... | 33 |
| 2.2 Contribuição de Hannah Arendt para uma Reflexão Ética | 40 |
| 2.3 A Ética na Terapia Comunitária..... | 42 |
| 2.4 Ética e o Aconselhamento como cura pela fala..... | 43 |
| 3 RESILIÊNCIA NA TERAPIA COMUNITÁRIA | 47 |
| 3.1 Conceito de Resiliência | 50 |
| 3.2 Resiliência para Terapia Comunitária..... | 55 |
| 3.3 O Aconselhamento Pastoral para a Terapia Comunitária | 57 |
| CONCLUSÃO | 63 |
| REFERÊNCIAS | 65 |
| ANEXOS | 69 |

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, pessoas sempre foram vítimas de alguma situação de desigualdade, subordinação, desvalorização ou exclusão social. A luta pelo poder entre homens e mulheres reflete bem essas condições de vida e de saúde. Os grupos de pessoas muitas vezes são vítimas de uma opressão vinda e exercida dentro da sociedade na qual vivemos. A família torna-se o grande elo de reconstrução dentro dessa sociedade injusta.

Os fatores de discriminação e conflito, no âmbito das relações sociais, é resultado do desmerecimento do *outro* e de suas atitudes em sociedade, atitudes aprendidas e repassadas pelas estruturas cotidianas como trabalho, escola, cultura, política, etc. A necessidade que o ser humano tem de enfrentar seus problemas e amenizar sua carência em relação às condições de melhoria da qualidade de vida, é que torna o ser humano mais resiliente. Lutar contra as mazelas sociais e existenciais é um imperativo ante um mundo organizado desde a exclusão.

Durante o meu processo de formação como Terapeuta Comunitária, formei um grupo de pessoas vindas do Programa de Benefício Social, Bolsa Família, funcionando dentro do CRAS/CREAS, na Cidade do Gama, Região Administrativa de Brasília, espaço esse reservado e destinado à fala de pessoas que encontram dificuldade com os seus problemas no cotidiano da vida. Com este trabalho pude perceber a importância do diálogo e do acolhimento das pessoas em seus conflitos e desentendimentos, situações essas que criam certa pressão sobre os indivíduos, conduzindo-os a uma percepção negativa de si mesmas e do mundo ao seu redor. Mesmo assim, apesar de um cotidiano tão agressivo, muitas pessoas parecem conseguir superar os sofrimentos, saindo de quadros depressivos e se reestruturando novamente de forma positiva. Esta capacidade é chamada de resiliência. E é sobre essa possibilidade humana que procuraremos investigar aspectos que sejam relevantes para uma abordagem terapêutica comunitária.

No primeiro capítulo, analisamos aspectos da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), partindo de um breve histórico da Terapia Comunitária bem como sua importância no âmbito do Centro de Referência da Assistência Social - CRAS/CREAS.

Mostramos igualmente a importância do vínculo que o terapeuta estabelece no processo de acolhimento de cada pessoa, bem como os passos que a Terapia Comunitária desenvolve na relação de cuidado com o outro. No segundo capítulo, investigamos a importância da Ética na Terapia Comunitária, desde o surgimento na Filosofia Grega, agregando a contribuição de Hannah Arendt para a Terapia Comunitária. No terceiro capítulo, abordamos a Resiliência como ponte para o processo de transformação de adversidades vividas e examinaremos a contribuição da Terapia Comunitária que, juntamente com o Aconselhamento Pastoral, proporcionam cura e crescimento interior.

1 BREVE HISTÓRICO DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA

Segundo o dicionário *Michaelis*, terapia significa:

[...] sf (grego: *therapeía*) Med O mesmo que terapêutica. E de acordo com o segundo tema, integrativa quer dizer: São as forças vivas da comunidade integrando os saberes mais diferentes contextos socioculturais e ampliando as redes solidárias.¹

Terapia é toda intervenção que visa tratar problemas somáticos, psíquicos ou psicossomáticos, suas causas e seus sintomas, com o fim de obter um restabelecimento da saúde ou do bem estar desse indivíduo.²

Desde a antiguidade, a manifestação e a fascinação pela cura se deram em função de a Grécia exercer seus propósitos através da escritura do latim, que significa uma forma de cuidado e atenção de modo que, os relacionamentos pudessem estar presentes na vivência dos gregos, neste sentido, relacionavam-se com as ações humanas, no sentido de cuidar, e prolongar o bem estar das pessoas que ali viviam em unidades comunitárias, através de dons naturais, e experiências para saúde mental e para um corpo saudável de forma que pudessem viver em harmonia com todos.

Referenciando Barreto,³ “concebo o termo terapia como palavra de origem grega, significa ‘*therapeia*’, que significa acolher, caloroso, servir, atender”. A terapia é um espaço onde as pessoas se relacionam no intuito de partilhar vivências e experiências diárias, no que tange às histórias de vida de cada um, relatadas de uma forma onde o “cuidado” deve ser referenciado a todo o momento.

Segundo Boff, a ética do cuidado é: “um consenso mínimo a partir do qual possamos nos amparar e elaborar uma atitude cuidadosa, protetora e amorosa para com a realidade... esse afeto vibra diante da vida, protege, quer expandir a vida”.⁴

¹ DICIONÁRIO MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Verbete: Terapia. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=terapia>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

² DICIONÁRIO HOUAISS. São Paulo: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Verbete: Terapia. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

³ BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia Comunitária: passo a passo*. 3. ed. Fortaleza: LCR, 2008. p. 37.

⁴ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes; 2008.

Ainda tratando de terapia comunitária, Barreto,⁵ diz que a Terapia Comunitária é uma prática de cuidado, cujos objetivos principais são:

- Reforçar a dinâmica interna de cada indivíduo para descobrir seus valores, potencialidades e tornar-se mais autônomo;
- Reforçar a autoestima individual e coletiva;
- Redescobrir a confiança em cada indivíduo, diante de sua capacidade de evoluir e de se desenvolver como sujeito;
- Valorizar o papel da família e da rede de relações em que vive;
- Acender em cada indivíduo, família e grupo social, o sentimento de união e identificação com seus valores culturais;
- Proporcionar o desenvolvimento comunitário por meio da restauração e fortalecimento de laços sociais;
- Promover e valorizar as instituições sociais e práticas culturais tradicionais locais;
- Favorecer a comunicação entre as diferentes formas do “saber popular” e “saber científico”;
- Estimular a participação das pessoas no grupo como requisito fundamental para dinamizar as relações sociais, a partir do diálogo e da reflexão para que possa ser sujeito de sua própria transformação.

É o auxílio para ajudar as pessoas a enfrentar os problemas que estão no dia a dia de suas vidas, e a busca para um equilíbrio diário. Parte desses problemas somáticos encontra-se na trajetória desde sua primeira infância, podendo gerar dificuldades para toda uma vida. Entender as pessoas, compartilhar é o principal foco da Terapia Comunitária, onde as pessoas buscam a compreensão mútua e participam de todos os fatos relacionados em conjunto. Tudo que é comum a todos seja diversão, alegria ou dor.

⁵ BARRETO, 2008, p. 20.

A comunidade é reforçada por vínculos emocionais, culturais, religiosos e por vínculos sociais de cada classe social. As pessoas que vivem em comunidade fazem de certa forma uma aliança, um elo de proteção, buscando resgatar sua história, sua marca e sua cultura. Procuram viver em equilíbrio e dependência, partilhando suas conquistas e buscando melhorias. É no dia a dia, que acontece a conquista dessas pessoas que vivem em comunidade, e estão de acordo com o bem comum da partilha, solução encontrada para o próprio equilíbrio psicossocial.

Buscar o acolhimento também é necessário para quem participa de uma comunidade, andar em inclusão social, é o que faz gerar um equilíbrio para o ser humano. O homem, falando do próprio gênero (masculino e feminino), está caminhando para o bem comum, procurando viver em paz com a natureza o “EKOS”, mas tamanha é essa dificuldade enfrentada por esse modernismo da sociedade, que é capaz de violentar o próprio ser humano, como também violentar toda natureza.

Prazerosa ou não, ele precisa se sentir muito mais seguro e acolhido para sua própria preservação. Segundo Barreto, “a Terapia Comunitária é o espaço de acolhimento para as partilhas de sabedoria, de sofrimento vivenciado no cotidiano, de afinidades, de maneira circular e horizontal”.⁶

Acolher pessoas de maneira circular e horizontal tem um propósito e um princípio, pois agrega os indivíduos em roda, uma posição que facilita a sua “fala”, o “olhar”, maneira em que se dispõe para participação e debates sobre o cotidiano de suas vidas.

Dividir espaços, coletar informações e sabedoria de pessoas mais experientes ou mesmo experimentadas pela vida do dia a dia.

A Terapia Comunitária é o espaço de partilha no qual promovemos o encontro de pessoas que procuram respostas para os problemas que estão no seu dia a dia, favorecendo o seu entendimento através da vivência de outras pessoas da comunidade.

⁶ BARRETO, 2008, p. 20.

Segundo Grandesso, “a Terapia Comunitária, é considerada uma prática terapêutica pós-moderna crítica, que reconhece as influências do macro contexto socioeconômico, político, cultural, étnico, de gênero e espiritual, manifestado nas organizações comunitárias”.⁷

É essa prática que tem se desenvolvido dentro das comunidades buscando apoiar as pessoas em todos os aspectos: sejam eles psicológicos, sociais, pedagógicos, culturais, religiosos. Não importa, se ela tem o segmento da cultura popular, busca apenas avançar dentro das comunidades excluídas através de um espaço onde se pode falar, sem ser criticado, onde sua vida fica exposta, sem ser “fofoca”, espaço terapêutico ou “Terapia”, que só era possível para as camadas privilegiadas, ou seja, “ricas”.

O espaço também está vinculado ao despertar de suas histórias, de sua cultura, do passado, da fala de si mesmo, das lembranças da família, e da superação da dor vivenciada por aqueles que se encontram no mesmo espaço.

O contato face a face é que faz o indivíduo identificar por afinidade a outra pessoa e isso alivia o seu sofrimento, é a tentativa da busca do seu bem estar.

Na Terapia Comunitária os problemas são observados e analisados por todos que estão presentes no espaço, ou seja, na roda, mas que não vão criticar sua forma de agir e sim contribuir com sua experiência de vida.

1.2 Pressupostos teóricos

Segundo Braga, a Terapia Comunitária Integrativa se fundamenta desde cinco grandes eixos teóricos que estão relacionados a uma melhor compreensão da Metodologia usada na articulação prática. São eles: a teoria sistêmica, a teoria da comunicação, antropologia cultural, pedagogia freireana e a resiliência.⁸ A fim de delimitarmos nossa abordagem, daremos ênfase justamente no aspecto sistêmico e na

⁷ GRANDESSO, Marilene. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.

⁸ BRAGA, Luciene Alves Vieira. *Terapia Comunitária e Resiliência: história de mulheres*. Dissertação. 130 f. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

resiliência. Falar dos demais eixos de articulação implicaria em maiores esforços teóricos para além de nossa proposta. A articulação sistêmica e a resiliência coordenada com a ética filosófica e com o aconselhamento pastoral parece-nos, por hora, teoricamente mais coerente com os pressupostos teológicos implicados, isto é, faremos uso no momento da síntese de apenas alguns pontos da assim chamada TCI.

O *pensamento sistêmico* valoriza as relações entre os elementos, a interdependência dos fenômenos, conforme a definição abaixo.

A nova visão da realidade, de que vimos falando, baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições.⁹

Com base nessa definição a compreensão sistêmica pode ser um novo modelo conceitual, onde percebemos o homem como um organismo vivo integrado a comunidade, mas também fragilizado no modo psicológico.

O modelo sistêmico está relacionado com as crises vividas pelo homem (gênero), tais crises que podem envolver os aspectos, biológico (corpo) e psicológico (mente e as emoções), que estão inseridas no tempo (ambiente social).

Toda essa inserção do homem está naturalmente interligada, pois uma parte depende da outra, o homem precisa enfrentar a vida com prazer e buscar soluções para os seus problemas pessoais e familiares, comunitários e sociais, precisamos estar conscientes de que fazemos parte desse todo.

A teoria sistêmica propõe uma mudança do modelo linear do pensamento científico (padrão causa efeito), pelo modelo circular (padrão interativo). Ao acompanhar esse raciocínio, entendemos que os acontecimentos que envolvem a vida cotidiana não são possíveis de ser explicados pelas ações individuais, mas em decorrência das ações socioculturais, em interação.

Sendo assim, os movimentos estão interligados dentro da comunidade de forma sistêmica e dentro de vários contextos. Não existe fórmulas para explicar o cotidiano e

⁹ CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 259.

sim um “saber” diferenciado para cada problema, buscando sempre o interligar dos fatos percebidos.

Na promoção da saúde, todas as forças vivas da comunidade devem ter um papel ativo, integrando os saberes oriundos dos mais diferentes contextos socioculturais e ampliando as redes solidárias de promoção da saúde e da cidadania.¹⁰

O reconhecimento e a manifestação sociocultural das pessoas e das comunidades vêm identificando as pessoas e suas atividades, bem como integrando as Redes e promovendo seus indivíduos, para que sejam valorizados, mobilizados e articulados. A necessidade do reconhecimento e da valorização dos espaços sociais e culturais leva ao crescimento social e espiritual. Com isso conseguem resolver melhor os problemas surgidos no dia a dia da família, como também da comunidade onde estão inseridos.

Com a necessidade de integrar muito mais essa comunidade, o indivíduo precisa conhecer e apoderar-se desses recursos dentro de sua comunidade. Essa Rede organizada que muitas vezes é desconhecida por algumas pessoas. A falta de divulgação, dos Projetos existentes dentro da Secretaria de Saúde, dificulta muito a busca desses instrumentos pelas famílias.

À medida que se conhece os projetos existe, a tendência de buscá-los, e a fala de quem integra esse projeto é muito importante, pois permite promover e ampliar as redes solidárias, com intuito de construir um processo participativo e democrático.

Logo, para Barreto, o projeto “é um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências de vida e sabedoria de forma horizontal e circular, cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas”.¹¹ O espaço pode ser físico, onde a comunidade reunida de forma circular poderá compartilhar suas histórias de vida. Um momento de fala e de escuta, onde se tornam responsáveis na busca de soluções e superação dos desafios do cotidiano em um ambiente acolhedor e caloroso.

¹⁰ BARRETO, 2008, p. 37.

¹¹ BARRETO, 2008, p. 38.

O ser humano está sempre em busca de algo mais, e viver bem com integridade, saúde mental e social, é a primeira coisa que ele procura, não somente no passado como no presente. Todos os estudos científicos levam a preservação desse espaço para o futuro. Pensar também na comunidade, nas pessoas que estão em sua volta, partilhar e compartilhar o melhor em busca de um ideal para o bem de todos.

Para Moreira, “fica evidenciado que o conhecimento tem muito mais valor se puder ser experimentado e aplicado em todos os campos da vida pessoal e coletiva, tornando-se mais harmônica”.¹² O conhecimento é circular quando é vivido pelo homem na busca de um novo modo de posicionamento, tem muito mais valor, pois interage em sua vida pessoal e também na coletividade, seja ela, familiar, social ou comunitária. Estar bem significa a forma “física e psíquica”. O corpo e a mente do homem caminham em conjunto, é necessário estar bem todo o tempo.

A Terapia Comunitária Integrativa traz à tona a valorização e as experiências vividas em grupo, as potencialidades das pessoas e da comunidade.

1.3 A Terapia Comunitária no âmbito do CRAS/CREAS

O CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e o CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) vinculados à Secretaria de Desenvolvimento e Transferência de Renda do Distrito Federal funcionam na Cidade do Gama, Região Administrativa de Brasília, Distrito Federal, é a porta de entrada para o acolhimento e atendimento das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Vulnerabilidade Social refere-se a uma predisposição individual para apresentar resultados negativos do desenvolvimento.

Segundo as Normas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ele é um sistema público que organiza, de forma descentralizada, os serviços socioassistenciais no Brasil. Com um modelo de gestão participativa, ele articula os esforços e recursos dos três níveis de governo para a execução e o financiamento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), envolvendo diretamente as estruturas e marcos regulatórios nacionais, estaduais, municipais e do Distrito Federal. Neste sentido, o CRAS promove

atividades a cerca da reflexão para que os mesmos possam ter apoio emocional vivenciado no seu cotidiano, e na melhoria da qualidade de vida.

O CRAS e o CREAS trabalham com inúmeras pessoas, é importante que se faça o resgate às famílias, as pessoas que procuram pelo serviço e, sobretudo aportes necessários para os indivíduos que buscam estar integrados dentro da sociedade, compartilhando e integrando os laços familiares, compartilhando a solidariedade e os valores culturais.

E ainda é importante salientar que desde sua implantação em 2003, o número de CRAS/CREAS (14) que foram financiados pelo Governo Federal, através do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, saltou de 1.007 instalados em 650 municípios referenciando hoje, para atenção integral para Assistência Social, cerca de 9 milhões de famílias em todo o país.

Por meio do CRAS, as famílias em situação de vulnerabilidade social, incluídas pelo “Plano Brasil Sem Miséria”, passam a ter acesso a serviços como Cadastramento e Acompanhamento em Programas de Transferência de Renda. O Brasil conta, atualmente, com 7.669 unidades distribuídas pelo território nacional.

O principal serviço ofertado pelo CRAS é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF). Dentre os objetivos desse serviço está à prevenção da ruptura dos vínculos familiares e comunitários, a promoção de ganhos sociais e materiais das famílias e o acesso a benefícios, programas de transferência de renda e serviços socioassistenciais. As ações são todas implementadas por meio do trabalho de uma equipe diversificada garantida por: Assistente Social, Psicólogo, Agente Social, Assistente Administrativo e Motorista.

Além de ofertar serviços e ações de proteção básica, o CRAS possui a função de gestão territorial da Rede de Assistência Social Básica, promovendo a organização e a articulação das unidades a ela referenciadas e o gerenciamento dos processos nele envolvidos.

Está amplamente interagindo como rede importante juntamente com a Secretaria de Saúde, Administração Regional do Gama, Secretaria de Educação do DF, Bombeiros, Polícia Militar e Polícia Civil, Secretaria do Idoso, Secretaria de Justiça,

Secretaria da Criança e do Adolescente e Conselho Tutelar, todas as Secretarias estão dispostas a trabalhar em rede, ou seja, em conjunto, para melhorar a qualidade de vida das pessoas que residem na cidade. Um movimento que espera abranger mais qualidade, dignidade e esperança a cada dia para a população.

O CREAS Gama é o serviço de proteção social especial para pessoas com deficiência, idosas e suas famílias. Os indivíduos vêm em busca de ajuda para os problemas vivenciados na família, depois do acolhimento da Equipe Técnica, é feito todo um trabalho de triagem. O atendimento individual fica sob a responsabilidade do Técnico da Assistência Social. Havendo necessidade é encaminhado para o Grupo de Terapia Comunitária, visando sua participação na busca de sua melhora. É um aparato a mais para que o indivíduo possa superar a situação de vulnerabilidade sofrida pela violação dos seus direitos.

1.4 O papel do terapeuta comunitário

O Terapeuta Comunitário é o indivíduo que vai escutar os problemas vividos pelas pessoas da comunidade, seus estresses, seus sofrimentos e suas ansiedades diante da vida. Barreto ressalta que “embora a dor passe no corpo, não é uma dor do corpo, não diz respeito somente a Medicina, trata-se da dor de pessoas humanas que estão vivendo um drama, uma dificuldade e precisam de apoio e suporte da comunidade”.¹²

Vivenciar a dor que ninguém vê é se sentir totalmente vulnerável, é ser como um vidro transparente a todas as pessoas que estão a sua volta. As pessoas que passam por uma dor querem sentir-se amparadas, acalentadas e acolhidas pelo terapeuta comunitário. Portanto, o Terapeuta Comunitário precisa ser um instrumento à serviço do crescimento do ser humano, daquele que necessita de ajuda, precisa ser disponível e comprometido com a causa humana, com o cuidado ao outro, com a ternura e a ética.

O terapeuta comunitário, para poder acolher o outro, deve começar a acolher a si mesmo nas suas múltiplas identidades; é nesta capacidade de se acolher que

¹² BARRETO, 2008, p. 43.

nasce a possibilidade de uma sintonia entre a postura, o gesto e a palavra, permitindo assim um acolhimento autêntico e realmente caloroso, pleno de verdadeira atenção por si mesmo no encontro com o outro.¹³

O Terapeuta Comunitário incentiva o indivíduo a verbalizar suas emoções, suas histórias e seus problemas, ele precisa ajudar as pessoas a vencer os seus medos. Ele precisa ter uma sensibilidade mais atenta aos cuidados com o próximo. É preciso que o terapeuta comunitário tenha uma experiência na “escola da vida”, sabendo amar àquele que está bem ao seu lado, não se promovendo e nem apoiado na carência do outro.

Barreto diz que “o terapeuta comunitário deve estar bem consciente dos objetivos da terapia e dos limites da sua intervenção para não extrapolar sua função”.¹⁴ Estar de bem com a vida é fundamental para o terapeuta comunitário, pois ele vai ouvir e avaliar pessoas que estão vivenciando os mais diversos problemas e dificuldades, talvez um momento de dor, de fragilidade, e para isso é necessário estar bem, para poder intervir de maneira prática e saudável. É importante que o terapeuta comunitário não assuma nenhum papel de especialista como: assistente social, psicólogo, psiquiatra, pedagogo e médico, fazendo interpretações ou análises que são provenientes das mais diversas especialidades.

O terapeuta comunitário vai lidar com o sofrimento das pessoas garantindo a construção da partilha e então vai encaminhar para uma rede de apoio. O acolhimento do outro é um passo fundamental para o sucesso da terapia.

Portanto, o que se mostra mais importante para nós é entender o acolhimento não como uma captura da alma do outro, e sim um processo de libertação desse outro, estimulando-o a assumir o leme de sua vida e direcionando-o para fazer suas escolhas. Em resumo, o Acolhimento na Terapia Comunitária é o ato de fortalecimento do grupo para entregar-se a si mesmo, empoderando-o na sua capacidade de decisão e busca do autoconhecimento.¹⁵

O terapeuta deve estimular a pessoa a falar da sua dor, estimulando a produção do “saber” da experiência vivida por cada um. Quando pensamos em uma orquestra, temos à frente o maestro, portanto a música será definida por ele. Na terapia

¹³ CAMAROTTI, Maria Henriqueta; HUGON, Nicole. Acolhimento na Terapia Comunitária Integrativa. Disponível em: <http://mismecdf.org/novosite/artigodomes/01-2013-Acolhimento_na_Terapia_Comunitaria_Integrativa.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2013.

¹⁴ BARRETO, 2008, p. 46.

¹⁵ CAMAROTTI; HUGON, 2013.

comunitária, o terapeuta mostra o caminho a ser seguido, mostra as “pérolas”, que são as ideias do grupo.

O terapeuta estimula as pessoas a construírem uma rede de vínculos e solidariedade, na qual possam se sentir seguras e com confiança, podendo interagir em igualdade e falar também dos seus sentimentos. A terapia é uma ocasião para a conversa favorecida ao crescimento e não somente ao ensinar, pois é uma participação ativa de todo grupo. A motivação chega o tempo todo, pois faz parte do reconhecimento e da alegria do grupo. O papel do terapeuta é ajudar aquele que está bem próximo, que frequenta o grupo, que busca o amor e a compreensão que muitas vezes não conseguem encontrar na família, no seu grupo social ou nos amigos.

1.5 Os passos da Terapia Comunitária

Barreto aponta que “a Terapia Comunitária apresenta três características básicas”.¹⁶

- 1) A discussão e a realização de um trabalho de saúde mental, preventiva e curativa e procurando engajar todos os elementos culturais e sociais ativos da comunidade: agentes de saúde, educadores, artistas populares, curandeiros, entre outros.
- 2) A ênfase no trabalho de grupo, promovendo a formação de grupos de mulheres, jovens, pessoas da terceira idade, para que juntos, busquem soluções para os problemas cotidianos e possam funcionar como escudo protetor para os mais frágeis, sendo instrumentos de agregação social.
- 3) A criação gradual da consciência social, para que os indivíduos tomem consciência da origem e das implicações sociais da miséria e do sofrimento humano e, sobretudo, para que descubram suas potencialidades terapêuticas transformadoras.

É também um trabalho de equipe, envolvendo pessoas que estão agindo para transformar essa dor em “cura”. Busca ampliar os grupos para que mulheres, homens e

¹⁶ BARRETO, 2008, p. 38.

idosos possam se agregar de forma a alcançar êxito na situação vivenciada. Precisa também haver consciência da origem do problema para caminhar para a transformação e buscar a cura. Barreto “diz que a Construção das Teias, é um símbolo”.¹⁷

Os indígenas do povo Tremembé, que habitam o nordeste brasileiro, dançam o torem, uma dança que está em ritmo do xote, no qual invocam e imitam os animais. Entre esses animais encontra-se a dança da aranha, que lembrando fazem uma simbologia, assim como é o indígena sem a terra, é a aranha sem teia, uma entidade sem vínculos comunitários.

A Terapia Comunitária é como uma aranha que vai tecendo sua teia em solidariedade com as pessoas que estão sofrendo. Essas teias invisíveis são construídas dentro, muitas vezes, de um processo doloroso, de um espaço no qual cada um reconhece a força e a dor do outro. É a certeza da agregação, da participação nos valores culturais, na busca de sua própria raiz, da segurança cultural. Precisamos lembrar que nada é solitário, mas sim solidário. O envolvimento do indivíduo com o grupo torna essa comunicação mais integrativa, pois permite um envolvimento maior, mais solidário e integral a todos.

A Terapia Comunitária resgata os valores culturais do povo e seu grupo social permitindo o conhecimento e fortalecimento de sua conduta na sociedade. A Terapia procura partilhar experiências de vida e de sabedoria, a partir da escuta das histórias contadas pelas pessoas que ali são relatadas.

Algumas regras são importantes para a realização das reuniões e certas informações de vital importância para o sucesso da terapia. São estas regras as seguintes:

- i. **A REGRA PRINCIPAL É FAZER SILÊNCIO:** isto é enquanto o outro fala, devemos ficar calados para podermos ouvi-lo. Vamos evitar cochichos para não intimidar quem está falando e respeitar a sua fala.

¹⁷ BARRETO, 2008, p. 40.

- ii. **NÓS DEVEMOS FALAR DA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA:** daquilo que vivenciamos, do que nos faz sofrer, bem como daquilo que nos ajudou a superar as dificuldades.
- iii. **NÃO DEVEMOS NOS ESQUECER DE QUE:** não estamos no grupo para dar conselhos, fazer discursos ou sermões, ou ainda julgar, mas sim, para falarmos de nossas vivências e aprendermos com as experiências dos outros.
- iv. **ENTRE UMA FALA E OUTRA:** qualquer participante do grupo pode interromper a reunião para sugerir uma música, uma poesia ou um provérbio.
- v. **DEVEMOS RESPEITAR A HISTÓRIA DE CADA PESSOA:** pois o lugar da terapia comunitária é um espaço de escuta, de compreensão do sofrimento do outro.

A terapia deve ser iniciada com uma música conhecida da comunidade, pois contribui para criar um clima de amor, companheirismo e amizade no grupo. É importante que seja uma música interativa, dinâmica, para quebrar o gelo e criar um clima de grupo. Barreto aponta “as etapas do desenvolvimento da terapia comunitária são” os seguintes:¹⁸

Acolhimento – essa fase inicial é necessária no processo terapêutico porque permite a integração cuidadora das pessoas que se apresentam, na maior parte das vezes, muito feridas.

Na Terapia Comunitária vemos que a fase do Acolhimento é o momento em que as pessoas são recebidas, integradas ao grupo, tranquilizadas de suas preocupações e ansiedades. Por ser uma metodologia com etapas precisas e sequenciais, as explicações iniciais tranquilizam os participantes e evitam o desencadeamento de ansiedades ou outros sintomas ligados ao momento de expectativas. Em todas as etapas seguintes, os animadores anunciam os procedimentos propostos e reforçam sempre a Roda como um espaço aberto para falar ou não falar, se expressar da maneira como cada um consegue ou deseja. Assim, o facilitador confiante na metodologia, pode superar o medo das falas soltas ou de que as “interpretações grosseiras” causem reações

¹⁸ BARRETO, 2008, p. 64.

emocionais ou descompensações dos participantes. O acolhimento promove ao grupo um espaço de fala seguro e envolvente.¹⁹

O acolhimento tem os seguintes elementos que precisam ser observados, que são: 1) criar um espaço circular de fala e de escuta; 2) dar boas vindas a todos que vieram participar da Roda; 3) tranquilizar as pessoas quanto ao processo da TCI que vai se desenrolar; 4) apresentar as regras da metodologia da TCI para os participantes; 5) promover a inclusão e estímulo da autoestima quando nas boas-vindas, esclarecimentos e comemoração dos aniversariantes e das datas importantes; 6) promover relaxamento e segurança nas pessoas com as informações dadas e com as dinâmicas de integração; 7) integrar o grupo, tornando-o mais próximo, mais afetivo e lúdico.

Escolha do Tema – a escolha do tema está relacionada a um primeiro momento no qual se solicita que as pessoas presentes sejam incentivadas a falar e a se expressar; isso é necessário para que não vire algo patológico, vire uma doença com o passar dos anos. A intenção é trabalhar as questões cotidianas. Isso não significa falar de segredos na terapia, mas simplesmente o processo de passar a falar. Falar de preocupações do cotidiano, daquilo que tira o sono da uma dona de casa, de um pai de família, de um jovem na escola, do desempregado que está ansioso, que está com insônia; de alguém que está com a autoestima baixa. Em suma, significa falar destas questões cotidianas como um processo inicial. Não é falar dos segredos.

Depois [...] nesse momento, na escolha do tema, a gente pergunta: quem gostaria de partilhar. Sempre aparecem cinco, seis temas; depois que eles são identificados, a gente propõe ao grupo de escolher, de justificar porque este, eu proponho este [...] então tem um momento pedagógico, para que as próprias pessoas vão aprendendo a, no fazer escolhas, buscar uma justificativa. Não é [...] e depois se faz uma votação, e, aquele que tem a maior quantidade de votos é o tema escolhido. E lá há um aspecto interessante, que não se trata de uma escolha objetiva; do tema mais importante. Não tem um mais do que o outro, mas tem aquele que mais me tocou. E quando as pessoas votam num tema, eles escolhendo um tema, eles escolhem a sua própria problemática.²⁰

¹⁹ CAMAROTTI; HUGON, 2013.

²⁰ TERAPIA COMUNITÁRIA. Transcrição do DVD *Terapia Comunitária: conversa com Adalberto de Paula Barreto*. Disponível em: <<http://luizsarmiento.blogspot.no/p/terapia-comunitaria.html>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

Contextualização – a partir desse processo de escolha do tema surge a contextualização que compreende sair do julgamento, que entende o sofrimento, que procura perceber a dificuldade do *outro*. Depois de um tempo inicial, talvez uns quinze minutos, após esse esquema de perguntas e de contextualização, é solicitado que a pessoa “que falou que fique em *stand by*, que fique de lado, ninguém faz mais perguntas a ela, fica em silêncio”.²¹

Problematização – no passo seguinte surge a problematização que é a forma do grupo, em unidade, se ouvir mutuamente. Ouve-se atentamente a estória de um e de outro, de fulano, sicrano e beltrano, suas histórias e estórias, pois cada relato é uma interpretação que cada um faz de si mesmo, e dos acontecimentos. Passa-se então ao momento de compartilhar entre o grupo as experiências vividas que podem servir como paralelo das interpretações dadas em grupo. Esse momento pode ser incentivado a partir de questões e convites para aqueles que dentre os presentes já tenha vivenciado algo semelhante e o que fez para superar. Dessa forma, vão emergindo do grupo as próprias possibilidades de solução. As pessoas compartilham suas experiências com aqueles que falaram de seus problemas e procuram ver similaridades que possam servir de exemplo na lida com as dificuldades da vida. Dessa forma, pode aparecer para uma problemática e várias “solucionáticas”.²² A ajuda surge do compartilhamento de dificuldades. É um processo muito produtivo porque as questões são colocadas de uma forma solidária e rica de similaridades e diferenças que dentro de um mesmo grupo aparecem, porém, as soluções não são rápidas e instantâneas, o processo de compartilhar as dores e os sofrimentos intenta conduzir às problemáticas. Problemáticas porque implicam em dificuldades cotidianas e reais que se tornam muros a serem transpostos pelas pessoas. É uma tendência comum às pessoas se sentirem isoladas e imaginarem que seus problemas são únicos. Problematizar questões comuns ajuda a perceber que muita gente também passa por questões parecidas, e a melhor maneira de superar é repartir as experiências e os problemas. Esse processo dura, mais ou menos, em torno de quarenta minutos, é o momento mais importante. Essa

²¹ TERAPIA COMUNITÁRIA. Transcrição do DVD *Terapia Comunitária: conversa com Adalberto de Paula Barreto*. Disponível em: <<http://luizsarmento.blogspot.no/p/terapia-comunitaria.html>>. Acesso em: 3 nov. 2013.

²² TERAPIA COMUNITÁRIA, 2013.

dinâmica pode ser entremeada de cânticos, de poesias, de piadas e por outras formas que possibilitem estabelecer um ambiente confiável e confortante.

Rituais de Agregação e Conotação Positiva – para reavaliar a dimensão humana, a solidariedade e o apoio mútuo, passa-se a dar uma conotação positiva ao processo, realizam-se elogios e palavras de incentivo para as pessoas por terem compartilhado suas experiências, por terem falado, e ao terem falado deram vazão para a dor que estava incomodando. Mostra-se sensibilidade para com a mãe, com o pai, com o filho. Faz-se um elogio, admira-se o que tem de belo naquilo que alguém falou. Lança-se ao grupo o que se aprendeu das falas, o que tocou a cada um e o que se quer levar para casa por parte de cada pessoa presente.

Os grupos que vivenciam as rodas de TC promovem maior desenvolvimento dos relacionamentos interpessoais e do apoio mútuo entre os membros. As pessoas começam a olhar para si mesmas e para os demais, podendo ser ajudadas através das rodas a ver, de maneira realista, sua contribuição ao estado de vida em que se encontram.²³

Nesse momento, falas que valorizem as pessoas são muito importantes. Podem ser úteis músicas religiosas ou de caráter mais introspectivo nas quais se fala coisas do tipo: “segura na mão de Deus”, “segura na mão do irmão”, ou “cura senhor onde dói”. Dessa forma, considerando o grupo presente e suas vinculações, as músicas religiosas de várias denominações podem sugerir níveis de introspecção que envolvam níveis de socialização de angústias e repressões que podem ser vivenciadas por meio da dança, e do rito, ou outras formas de expressão das subjetividades. É um momento de fechamento no qual a dimensão cultural se faz muito presente. Encerra-se assim a terapia comunitária. Barreto aponta: “é importante que os indivíduos ao regressarem às suas casas, sintam-se parte de um grupo, de uma comunidade, muitos vieram pela primeira vez, outros se sentem deslocados de suas famílias e comunidade”.²⁴ Geralmente se faz uma sessão, uma roda de terapia comunitária por semana.

²³ BARRETO, Adalberto; RIVALTA, Míriam. Avaliação da Eficácia da Terapia Comunitária. MISMEC – Movimento Integrado de Saúde Mental do Estado do Ceará. 2008. Disponível em: <<http://www.abratecom.org.br/publicacoes/01-Discertacoes/pdf/DissertacaoAnaLuciaCostaSilva.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

²⁴ BARRETO, 2007, p. 84.

O término da terapia trata-se de reconhecer, valorizar e agradecer o esforço e a coragem de cada um. O terapeuta pede para que as pessoas se levantem, façam um círculo com as mãos no ombro do outro e se balancem, isso faz com que o grupo se sinta coeso e unido. Sugere uma música e ao final pede para que cada participante diga ao protagonista da história, o que mais lhes tocou ou algo que tenham admirado nela.²⁵

Avaliação – dentro do processo de interação, o terapeuta pode convidar a todos para ficarem de pé o mais próximo possível um do outro, em forma de uma roda, e com braços nos ombros ou na cintura. Sugere um balanço de corpo coletivo. Alguém lembra uma música. *Tou balançando, mas não vou cair, não vou cair...* O terapeuta pergunta: *o que estou levando daqui?* Um diz *Calma*, outro *Conforto*, mais um, *Solidariedade*. O co-terapeuta deve ambientar o grupo, deixar os participantes à vontade, contribuir para que estejam confortavelmente acomodados. De preferência em um círculo para que todos possam olhar para a pessoa que está falando.

A terapia comunitária pode encontrar qualquer espaço comunitário para desenvolver este processo de interação. Os espaços podem ser: igrejas, centros comunitários, centros de recepção e triagem do serviço social, casas, familiares, ou mesmo espaço livre do jardim ou praças. Ao receber as pessoas, o terapeuta acolhe com cuidado as pessoas que chegam neste ambiente.

É importante envolver as pessoas com carinho, respeito, atenção, para que as mesmas se sintam acolhidas e tornar o lugar agradável. Podendo ser convidados, violeiros, tocadores, poetas, para alegrar o ambiente com fraternidade e espiritualidade. É importante começar a dinâmica do grupo falando sobre os aniversariantes do mês e parabenizando-os.

É um momento muito precioso da terapia comunitária, pois as pessoas ficam a vontade para falar de si mesma, ou seja, desabafar suas preocupações e situações vividas no dia a dia. Muitas vezes precisamos falar daquilo que nos atormenta, que nos angustia e que nos deixam temerosos.

É o momento que temos para falar lembrando que não se conta os segredos, mas se conta o que sentimos o que nos angustia, e de certa forma nos deixa com baixa estima.

²⁵ BARRETO; RIVALTA, 2013.

Através da fala dada para a pessoa que vai relatar o que se passa em sua vida, observando o seu contexto atual nas informações e seu papel dentro da história. Ao ouvirmos a história somos tomados de amor, solidariedade, encantamento, ternura, emoção na vivência que nos deixam conduzir de acordo com estes relatos.

Nada mais é do que o envolvimento do grupo em relatos daquilo que já passou em sua vida, sendo interessante o terapeuta perguntar se alguém já vivenciou algum momento como esse, então um MOTE que permite a reflexão do grupo a partir da situação apresentada. O MOTE é uma pergunta chave “uma pérola” (uma carta coringa que possibilita questionamentos de identidade com o problema apresentado) para que as pessoas sejam solidárias e percebam como se dá e recebe ao mesmo tempo e que contribuam com o seu envolvimento.

Referenciando a história dos primórdios diante da postura do ser humano, que sempre esteve voltada para a espiritualidade, o bom senso vivenciado nas crenças referentes a Deus, os cânticos e adoração, percebe-se que a dinâmica diante da divindade, ou divindades, denota certo equilíbrio existencial. O ritmo de espiritualidade dos seres humanos vai desde a dança (agradecimentos a Deus), atitudes de humilhação, sermões, cuidados estes que o ser humano liga ao ser superior reverenciado.

Bessa diz que: “o crescimento de uma literatura cristã que se pretende promotora de cura interior e autoconhecimento após a década de 1980 do século passado leva ao questionamento das razões de tal expansão”.²⁶ Isso significa dizer que o ser humano, após os anos 80, vem procurando uma forma alternativa de ficar mais perto de Deus seja qual for sua religião. Os conflitos sociais e emocionais geram a busca pela alternativa de “um soberano” que ajude no autoconhecimento e na associação de suas próprias ideias, ou seja, a nossa própria autoajuda.

²⁶ BESSA, 2007, p. 200.

2 A ÉTICA NA TERAPIA COMUNITÁRIA

2.1 A história da ética na Filosofia Grega

A ética é a reflexão que surgiu na época áurea grega sobre a natureza do bem moral, uma investigação que procurava por um princípio absoluto de conduta do ser humano. Muitas das formulações foram vinculadas ao contexto religioso no qual podem ser encontradas muitas ideias e noções éticas que ainda perduram até hoje, como, por exemplo, as conhecidas formulações seguintes: “nada em excesso” e “conhece-te a ti mesmo” ou ainda “cuida de si mesmo”. Tradicionalmente a ética, como a reflexão a respeito do fim justo de uma ação, está ligada ao contexto do santuário de Delfos, relacionado ao deus Apolo.

Platão (427-347 a.C.) é considerado um dos grandes sistematizadores das tendências daquela época, inclusive de resumir certas ideias de seu mestre, Sócrates, o grande filósofo a propor uma discussão mais ampla concernente às atividades na cidade-estado grega antiga, a *polis*. Dentre estas ideias, Platão pegou a noção metodológica de questionar as pessoas para as fazerem chegar a certas questões que exigem senso crítico em relação ao mundo. Esse método era chamado de *maiêutica*, que significa dar a luz, composto pela interrogação de uma pessoa até que ela chegue por si mesma à verdade. Por isso, o filósofo era considerado uma espécie de “parteiro das ideias”.

Nos seus *Diálogos*, ele parte da noção de que todos os seres humanos estão atrás da felicidade. Parece que a maior parte das doutrinas daquela época se preocupava com a busca da *felicidade*, o alvo último do gênero humano. Porém, não significa que Platão era um pensador do egoísmo puro e simples. Ao contrário, em suas reflexões surgem às questões sobre o prazer, a sabedoria prática e a virtude, todas elas relacionadas com a principal questão: **onde encontramos o bem maior?**²⁷

O filósofo Platão acreditava na vida após a morte e, por isso, preferia uma vida ascética à vida entregue aos prazeres terrenos. Em sua obra mais conhecida, a

²⁷ VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética?* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 25-29.

República, ele chega a condenar a vida que é toda voltada aos prazeres sensoriais. Acreditando na imortalidade da alma, que é indicada no diálogo *Fédon*, ele aguarda a felicidade, principalmente, para depois da morte. Os seres humanos, segundo Platão, deveriam procurar nesta vida à contemplação das ideias, e, principalmente, daquela que seria a ideia mais importante, a ideia do *bem maior*.

Platão descreve, de uma maneira literariamente muito sedutora, como há uma espécie de “Eros filosófico” que atrai o homem para este exercício de como o astrônomo contempla os astros, o filósofo contempla, através da arte da dialética, as ideias mais altas, principalmente as do Ser e do Bem. O Ser é imutável, e também o Bem. A partir deste Bem superior, o homem deve procurar descobrir uma escala de bens, que o ajudem a chegar ao absoluto. O sábio não é, então, um cientista teórico, mas um homem virtuoso ou que busca a vida virtuosa e que assim consegue estabelecer, em sua vida, a ordem, a harmonia e o equilíbrio que todos desejam. O sábio faz penetrar em sua vida e em seu ser a harmonia que vem do hábito de submeter-se à razão. Dialética e virtude devem andar juntas, pois a dialética é o caminho da contemplação das ideias e a virtude é esta adequação da vida pessoal às ideias supremas. Mas a virtude também é uma purificação, através da qual o homem aprende a desprender-se do corpo com tudo o que este tem de terreno e de sensível, e desprender-se do mundo do aqui e agora para contemplar o mundo ideal, imutável e eterno. Aí está o Sumo Bem, para Platão.²⁸

O filósofo argumenta que a prática da virtude (*areté*) é, por isso, a atitude mais importante do ser humano, pois ela é a harmonia, é a medida (*métron*) correta e proporcional que na vida humana e social se torna uma imitação da ordem cósmica. O cosmos significava a ordem, o contrário do caos, sem a métrica de perfeição. Dessa forma, o ser humano deveria buscar por meio da virtude o elemento ideal que seria a imitação ou assimilação das coisas perfeitas, que era Deus, ou aderir ao divino. Na época de Platão, o povo simples e menos educado era considerado sem virtude, sua hierarquia de bens divergia do ser humano dedicado à reflexão, com condições de pensar. Quem pensa é o sábio, o qual procura ser igual àquilo que busca por meio da reflexão, a realidade divina, tanto quanto é possível, em termos humanos. Seu *Diálogo das Leis* afirma que “Deus é a medida de todas as coisas”. A partir desse esquema de pensamento, Platão coloca a seguinte questão: qual seria a norma na busca da virtude? A resposta é a noção de *bem maior*, uma ideia perfeita e que subsistiria independente dos seres humanos.²⁹ Platão define assim os elementos necessários na

²⁸ VALLS, 1994, p. 26.

²⁹ VALLS, 1994, p. 29.

busca pelo *bem maior*, que são: a Justiça (*dike*), que é uma virtude geral e que ordena, harmoniza e assemelha os seres humanos ao invisível, ao divino, ao imortal e sempre sábio; a prudência ou sabedoria (*frônesis* ou *sofia*) que é a virtude própria das almas racionais, pois é o divino dentro dos seres humanos. Esta sabedoria ou virtude, segundo Platão, equivaleria à vida filosófica, algo parecido a uma música elevada que põe em ordem as coisas, os pensamentos. Depois, a *fortaleza* ou valor (*andréia*), que permite às paixões mais nobres predominarem, e que o prazer esteja subordinado ao dever. Por fim, a *temperança* (*sofrosine*) que é a virtude da serenidade, e que equivaleria ao autodomínio e à harmonia individual, adquirida pela contemplação. Reunidas estas categorias, o pensador poderia ir em busca da felicidade.

Depois de Platão, é Aristóteles (384-322 a.C.) quem surge como pensador preocupado com o tema da felicidade. Ele, além de um grande pensador especulativo e profundo psicólogo, levava muito a sério (talvez mais do que Platão) a observação empírica. Dessa forma, enquanto Platão buscava desenvolver seu pensamento a partir de uma especulação teórica das ideias, Aristóteles se atinha aos depoimentos sobre a vida das pessoas e sobre entendimentos que elas tinham de determinados temas, sempre vinculados às diferentes cidades-estados gregas. No entanto, isso não significa que ele fosse menos teórico, mas sim indica seu esforço analítico e comparativo. Esse esforço aparece em suas comparações de uma centena de constituições políticas de cidades-estados gregas.

Seu pensamento explícito sobre questões de ética são *Ética a Eudemo* e *Ética a Nicômaco*. Escreveu também uma *Magna Moral* e um breve texto a respeito das virtudes e dos vícios. Aristóteles também vincula a ideia de *Ser* com a noção de *Bem*. Diferentemente de Platão, ele insiste sobre a variedade dos seres e conclui que os bens, assim como os seres, devem surgir necessariamente variados. Para ele, de acordo com cada ser deve haver um tipo de bem em conformidade à natureza ou à essência dos respectivos seres.

Segunda à respectiva natureza corresponderá o seu bem, ou aquilo que é bom para ele. Aristóteles diz que para cada substância há um ser que busca o seu bem. Nesse sentido, haveria um bem para a divindade e um bem para o ser humano, outro

para uma planta, e assim por diante. Sua reflexão consiste em afirmar que quanto mais complexo é o ser, mais complexo será também seu respectivo bem. Assim, a questão vista por Platão a respeito do *Bem Maior* cede lugar, em Aristóteles, à reflexão respeitante aos bens concretos para o ser humano. Por isso, de acordo com essas finalidades, é possível ver em Aristóteles um sentido da ética como *finalista* e *eudemonista*, ou seja, constituída a partir dos fins a que devem estar vinculada para que o ser humano consiga a felicidade, a *eudaimonía*.

Porém, no que consistiria o bem ou a felicidade para o ser humano? Qual seria o maior dos bens? Para ele, não basta isolar um bem tido por supremo, mas, como um ser complexo, o ser humano não necessita simplesmente de um único bem maior, mas sim de vários bens, de variados tipos, dentre os quais podem ser citados como fundamentais a amizade, a saúde e, dependendo da situação, de alguma riqueza. Na ausência de um conjunto de bens assim descritos, não é possível alcançar a felicidade humana.

Contudo, é certo que há uma escala de bens, uma vez que bens são variáveis, e uns mais úteis e melhores do que outros. Assim sendo, quais seriam os melhores bens? Quais as melhores virtudes, força, poder, riqueza, beleza, saúde ou quaisquer formas de prazeres sensíveis? Aristóteles responde partindo do fato de que os seres humanos têm seu ser no *viver*, no *sentir* e na *razão*. Segundo ele, esta última caracterizaria de forma específica o ser humano. É preciso viver de forma racional, e viver assim significa estar de acordo com a razão. Mas observa que a razão, no sentido de não deixar que ela mesma fique desordenada, necessita da virtude, melhor dizendo, de uma vida virtuosa.

Seguindo esse raciocínio, pergunta ele qual seria, então, a virtude mais excelente, mesmo que não seja a única necessária? O bem próprio do ser humano se prontifica na *vida teórica* ou *teorética*, uma vida dedicada ao estudo e à contemplação, uma vida inteligente. É preciso ser dito que os grandes filósofos gregos eram residentes de uma sociedade pautada no trabalho escravo, e, por via de regra, dialogavam com os senhores das cidades-estados gregas, com aqueles que tinham condições de se dedicarem ao *ócio produtivo*, ou seja, ao pensamento abstrato enquanto os escravos –

de fato – realizavam as tarefas cotidianas. Eles estavam livres do trabalho duro e cotidiano que a empresa da produtividade exige. Essa condição permitia aos pensadores refletirem sobre a situação humana e suas ações na sociedade. Isso significa ética, pensar as relações na cidade.

Segundo Aristóteles, o pensamento é o elemento divino nos seres humanos e o seu bem mais precioso. O sábio é aquele que não precisa de muitas outras coisas para se realizar. A contemplação surge aí como a *vida feliz* porque imita melhor a atividade divina. Mas como este ideal de vida é muito elevado à maioria das pessoas, inclusive por causa das condições econômicas, é necessário pensar ainda outras coisas de que o ser humano necessita. A contemplação não é um saber puro e simples que procura se auto entender, é, antes, um estudo das ciências que possibilitam fins, realizações práticas ou mesmo teóricas, isto é, reflexivas como a matemática. O objeto do estudo mais elevado seria a teologia: o saber do deus.

Na *Ética a Eudemo*, o objetivo ou a finalidade da vida humana é a contemplação das realidades divinas. O fim mais nobre e a norma mais segura de conduta é a contemplação. Na *Ética a Nicômaco*, por sua vez, constam mais as coisas relativas e, também, necessárias. Neste texto, o autor busca as normas mais relativas. Dessa forma, o prazer não seria um bem absoluto, nem tampouco um mal, mas um bem que acompanharia as diferentes atividades, inclusive as intelectuais e espirituais.

Aristóteles, todavia, insiste em que “os verdadeiros prazeres do ser humano são as ações conforme a virtude”.³⁰ A felicidade está na virtude. Ele analisa as virtudes longa e detalhadamente. Ele afirma que o ser do ser humano é uma substância composta: corpo material e alma espiritual. Seu corpo está sujeito às paixões, e sua alma deve desenvolver práticas boas, pois a virtude é sempre uma força adquirida, é um *hábito* que não brota espontaneamente da natureza, é cultivado. Aristóteles, dessa forma, valoriza muito mais, do que seu mestre Platão, a vontade humana, a deliberação e o esforço em busca de bons *hábitos*.

O ser humano necessita transformar suas melhores disposições naturais em *hábitos*, de acordo com a razão. São suas virtudes intelectuais que estão sendo

³⁰ VALLS, 1994, p. 17.

colocadas na direção de uma prática diária. Porém, esta autoeducação supõe uma voluntariedade que a virtude provenha da liberdade e não da coação, é uma voluntariedade que delibera e elege inteligentemente. Essa virtude é uma espécie de segunda natureza, a qual é adquirida pela livre razão. Aristóteles diz na *Ética a Nicômaco*, que a virtude: “é um hábito adquirido, voluntário, deliberado, que consiste no justo meio em relação a nós, tal como o determinaria o bom juízo de um varão prudente e sensato, julgando conforme a reta razão e a experiência”.³¹

Uma importante construção sobre a ética foi feita por Immanuel Kant (1724-1804). Ele viveu no século XVIII e se dedicou a pensar uma ética que tivesse valor universal, uma ética que se fundamentasse simplesmente na igualdade essencial entre os seres humanos. Sua filosofia foi construída, acima de qualquer coisa, na compreensão do ser humano. Ele a chamou de filosofia transcendental. Ela se constituía na busca das condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro e da ação livre. No centro das questões éticas, ele encontrou o tema do dever ou a obrigação moral. Essa é uma necessidade diferente da natural ou da matemática, porque essa necessidade para se realizar precisa de liberdade. A consciência moral livre está obrigada pelo dever, a vontade verdadeiramente boa e livre precisa agir sempre conforme o *dever* e por respeito ao *dever*.

Kant parte do pressuposto iluminista que acompanhou a ascensão dos grupos que promoveram a revolução industrial, chamada burguesia, ele defendia a igualdade básica entre os seres humanos. Kant constrói uma moral que é igual para todos, uma moral que se pretende racional é a única possível aos seres racionais. A moral kantiana não está interessada nos aspectos exteriores, empíricos ou históricos, assim como são as leis positivas, os costumes, as tradições, as convenções e inclinações de cada indivíduo. Se a racionalidade constitui a moral do sujeito, ele então deve agir em acordo ao *dever* e somente por respeito ao *dever*. Porque a ação moral é movida pelo dever, e somente pelo dever, então o único motivo válido de uma ação é seu caráter moral.

Legalidade e moralidade são postos em oposição. Por isso, diante de cada lei, de cada ordem e de cada costume, todo indivíduo está obrigado a questionar qual é o

³¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco. Poética*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores). p. 159.

seu dever, se pretende ser livre. A ética de Kant surge em meio a um período no qual os regimes antigos dominavam com base em tradições e imposições não racionais. Para ele, os conteúdos éticos nunca são dados aos indivíduos desde o exterior, desde uma autoridade que não seja a própria consciência da pessoa. O que cada pessoa tem, no entanto, é a forma do *dever*. Kant designa essa forma ética naquilo que ficou conhecido como “*imperativo categórico*”, o que significa uma ordem formal que nunca se fundamenta em uma hipótese ou condição.

É a *Regra de Ouro* que está formulada no seguinte esquema, segundo seu texto intitulado *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*: “devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal”.³² Colocado como um imperativo para o outro, seria assim: “age de tal maneira que possas ao mesmo tempo querer que a máxima da tua vontade se torne lei universal”.³³ Kant procurou retirar da própria estrutura do indivíduo humano, o qual ele tomava por racional e livre, a forma de um agir necessário, de um *dever*, que fosse universal. Para ele era moralmente necessário que todos agissem desta maneira. A proposta de Kant é quase heróica se levada a cabo, pois é quase impossível agir refletindo profundamente a cada ação, ou mesmo aplicando a cada caso concreto a fórmula de seu *imperativo categórico*. Segundo a fórmula do filósofo alemão, seria necessário começar toda vez do caso concreto, sempre de novo, a consideração de nossas ações morais.

Na prática, Kant defende uma forma de individualismo muito racionalista. Porém, a crítica mais pontuada ao filósofo é sua tentativa de construir uma racionalidade pura, livre de condicionamentos da história, das tradições éticas na qual um indivíduo está imerso. Corre-se o risco do indivíduo cair em uma ética de caráter abstrato e cínico, na qual o único eixo de interesse seria o próprio indivíduo. De qualquer forma, Kant estabeleceu um ponto permanente no debate sobre a discussão ética, a necessidade dos indivíduos serem os agentes participantes do agir ético.

³² KANT, Immanuel. *Fundamento da metafísica dos costumes*. São Paulo, SP: Edições e Publicações Brasil, [19--]. p. 34.

³³ KANT, [19--], p. 34.

2.2 A contribuição de Hannah Arendt para uma reflexão ética

O pensamento de Hannah Arendt acerca da ética está fundamentalmente ligado ao tema que ficou conhecido como “Banalidade do Mal”. Segundo Serra e Silva, o tema surgiu quando Arendt realizou a descrição a respeito do criminoso de guerra Adolf Eichmann, um tenente-coronel da SS nazista que era responsável pela deportação de judeus para os campos de concentração. Na obra *Eichmann em Jerusalém*,³⁴ Arendt descreve Eichmann como “apenas um homem comum, como tantos outros, preso às necessidades, preocupado apenas com sua carreira, expressando-se através de uma linguagem administrativa e que não possuía grandes motivações ideológicas ou políticas”,³⁵ a despeito das monstruosidades que ele havia cometido. A própria Arendt afirma: “Por mais monstruosos que fossem os atos, o agente não era nem monstruoso nem demoníaco; a única característica específica que se poderia detectar [era] [...] uma curiosa e bastante autêntica incapacidade de pensar”.³⁶

Odílio Alves Aguiar diz que:

Pensar a ética do ponto de vista da singularização e chegar a uma correta aproximação entre ética e política significa, assim, pensar a *polis* a serviço da possibilidade de o ser humano aparecer como ser singular, ou seja, na perspectiva de cidadãos do mundo comum, e não das estruturas econômicas, sociais e estatais.³⁷

A ética não pode ser dissociada da vida política. Trata-se da capacidade de uma sociedade criar as condições para que uma pessoa possa ter as condições mínimas de aprender a pensar. A falta desse elemento conduz à “Banalidade do Mal”. A ética não pode ser pensada como um tema moral, um tema buscado na reflexão do indivíduo simplesmente, pois para ela “pensar significa que temos que tomar novas

³⁴ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³⁵ Maria Olívia Serra; Cacilda Bonfim e Silva. A Questão Ética em Hannah Arendt. *Cad. Pesq., São Luis*, v. 14, n. 2, p. 09-118, jul./dez. 2003. Disponível em: <[http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%208\(8\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%208(8).pdf)>. Acesso em: 13 maio 2013.

³⁶ ARENDT, Hannah. Pensamento e Considerações Morais. In: *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p. 145.

³⁷ Odílio Alves Aguiar. *Natureza, beleza e política segundo Hannah Arendt*. Disponível em: <http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/natureza,_beleza_e_politica_segundo_hannaharendt/odilio_aguiar_179-194.pdf>. Acesso em: 13 maio 2013.

decisões cada vez que somos confrontados com alguma dificuldade”.³⁸ Isso quer dizer que a ética se faz necessária como o resultado da vida ativa da *polis*, pois a incapacidade de pensar das pessoas se torna um dispositivo facilitador para “distorções” que levem a monstruosidades como as perpetradas pelo nazismo enquanto esteve em vigor.

Oliveira diz o seguinte a respeito da ética em Arendt,

Em *Sobre a violência* e em *Pensamento sobre as considerações morais*, também se insere na discussão sobre a ética. Suas considerações denunciam que a ética pensada sobre o “bem comum”, presente nas sociedades contemporâneas, deflagrariam a não-contingência ética. O Bem, enquanto discurso em nome da comunidade, tem em si a possibilidade da destruição dos sujeitos, facilmente tornados descartáveis. Logo, sua proposição ética atrela-se no encontro com a política, não partindo do bem-comum, pois “onde está um ateniense ali está toda Atenas”. Não seria o bem-comum, mas na cidadania a possibilidade dos seres humanos aparecerem, detentores do poder, como sujeitos, reconhecidos em seu direito de agir e falar livremente.³⁹

Arendt concebe que na contemporaneidade aconteceu certo esvaziamento da política e, com isso, a burocratização e o distanciamento dos cidadãos dos assuntos da *polis*, surgiu assim o confinamento dos interesses públicos aos individuais, permitindo que as sociedades contemporâneas surjam na violência, nas sociedades de massas padronizantes. “A política teria sido reduzida à mera administração das coisas em nome de um suposto bem comum, isto é, a felicidade daqueles que são reconhecidos como pertencentes de fato à comunidade política”.⁴⁰ Essa situação deixa distante a construção da singularidade, o surgimento do ser humano.

Arendt coloca a nós os desafios de se pensar a cidade (*polis*) a serviço das possibilidades dos seres humanos aparecerem como singulares, na perspectiva de cidadãos do local, e do mundo comum, e não a cidade como espaço das estruturas econômicas, sociais e estatais, etc. Nesse sentido, a ética seria uma reivindicação

³⁸ ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991. p. 133.

³⁹ OLIVEIRA, Kathlen Luana de. *O acontecer ético na cidade: entre o singular e o comum*. Trabalho apresentado na Disciplina: Seminário de Ética: A Felicidade e a cidade, sob coordenação do Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper. 26/11/2010.

⁴⁰ DUARTE, A. Hannah Arendt e a modernidade. Esquecimento e redescoberta da política. *Trans/Form/Ação* [online], v. 24, n.1, p. 249-272, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732001000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2010.

singular e concreta, e não abstrata, a qual submete as pessoas. Uma ética norteada pela afirmação de toda a *criação*, orientada para a autonomia na qual o *mundo comum* é o limite, uma ética que não combina com uma *polis* de impossibilidades humanas, do isolamento, da ocultação. Significa uma ética que acontece nas possibilidades da novidade, do habitar no mundo, a partir do aparecimento das singularidades na *polis*. A noção de Arendt a respeito da ética incide em um vínculo indissociável entre liberdade, ação conjunta e felicidade pública.

2.3 A ética na Terapia Comunitária

Sabendo que a ética, desde um ponto de vista refletido pela pensadora Hannah Arendt, nos ajuda a perceber que o elemento ético de uma *polis* organizada para o bem público, para a felicidade dos seres humanos, necessita primar pela capacidade de não retirar dos sujeitos suas melhores intuições no que diz respeito ao pensamento. Trata-se da capacidade de pensar coletivamente. Esse tema tem uma importância para o processo ético na Terapia Comunitária.

Muitos são os aspectos que envolvem um acompanhamento terapêutico. Desde a ética de manter a necessária distância ideológica da pessoa que está sendo acompanhada até a capacidade de manter toda informação pessoal colhida, em aconselhamento, ou até mesmo em grupo, como acontece nas Rodas de Terapia Comunitária.

Para uma pessoa que é aconselhada o seu problema é singular, único e inédito. Sua dificuldade lhe causa preocupação em torno de sua *autoimagem*, do seu *self*. A informação a respeito do seu sofrimento pode ameaçar o seu bem estar, realmente ou imaginariamente. Por sentir ou imaginar este “perigo e ameaça”, a pessoa procura alguém em que possa confiar, e ao escolher essa pessoa ou grupo, passa a confiar. O problema é um produto existencial que tem sua origem nas relações que ela estabelece com os outros seres sociais. A sociedade aparece como pano de fundo privilegiado para a compreensão de muitas questões de ordem psíquica e emocional.

A pessoa que deseja se aconselhar quer encontrar compreensão, simpatia e seriedade, ela quer ter paz com sua corporeidade, por isso ela opta por alguém que manifeste uma conduta ética e ao mesmo tempo um acolhimento individual.

Clinebell argumenta que informações sobre problemas e segredos das pessoas causam efeito e impacto sobre as outras pessoas. Para um conselheiro habituado em ouvir todo tipo de problemas e revelações, tais informações podem não parecer chocantes.⁴¹ Ele diz que para os familiares do aconselhando e seus amigos, estas informações podem ser devassadoras, gerando angústia, insônia e agitação. Por isso, aquela antiga ética vivenciada no trabalho – a qual se dava maior valor para a responsabilidade, dever e sucesso – com o objetivo de alcançar poder, prestígio e propriedade numa luta competitiva.

Assim também assemelha-se o Grupo de Terapia Comunitária, pois a ética precisa refletir na pessoa que conduz, um aspecto fiel ao grupo, pois o mesmo produz um efeito transparente e ao mesmo tempo amoroso e prazeroso para quem dele faz parte.

Clinebell fala da nova ética de compromisso que valoriza a responsabilidade mútua nos relacionamentos através da integralidade com o *eu*, com o *próximo* e com a *sociedade*. É uma ética voltada para o compromisso e integralidade, um novo chão ou pelo menos uma placa sólida que dá segurança mesmo correndo o risco de entrar em choque com outros valores. A noção de ética de Arendt ajuda a perceber que o elemento ético não se encontra nas ações individuais e depois se espalha pela sociedade por meio das ações individuais, mas é justamente produzida por uma coletividade ou comunidade.

2.4 A ética e o aconselhamento como cura pela fala

A ética dentro do aconselhamento acontece porque existe uma comunidade que também precisa acreditar na fé. É dentro dessa comunidade, que se busca alcançar a melhoria para os demais, o grupo que ali espera ter fé, na qual as pessoas

⁴¹ CLINEBELL, H. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e Crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

experimentam a convivência com os outros e com a sua religiosidade. Dentro do trabalho do *cuidado* existem várias maneiras de lidar com a realidade dos membros que sofrem emocionalmente, sendo que o aconselhamento gera uma cura através da fala.

O autor define poimênica como:

[...] o ministério amplo e inclusivo de curas e crescimento mútuos de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida. *Aconselhamento*, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento.⁴²

A fala é um dispositivo fundamental, pois pela fala a pessoa se comunica e tem a chance de se expressar, o que é possível, em gemidos, choro, gritos ou simplesmente sussurros. É um exercício de expressão do que se passa internamente numa pessoa. A chance de poder dizer, mesmo que não sejam as coisas em sua exatidão, já é um excelente exercício de denotar questões que causam desconfortos psicológicos.

Na tradição antiga, a arte de expressar questões de difícil entendimento foi designada de hermenêutica, isto é, a arte de uma forma de entidade não humana que fazia a tradução entre os deuses e a pessoa, destinatária de uma mensagem. O nome do sacerdote do oráculo de Delfos se chamava *Hermeios* e seu papel era traduzir o que não era compreensível numa linguagem que fosse entendida pela pessoa que procurava o oráculo. Daí o nome hermenêutica, pois o sacerdote levava essa designação. Hermes é, então, portador e mediador de uma mensagem – que não é a sua própria, mas de outra pessoa – mensagem essa que precisa ser colocada em movimento e interpretada.

Hermenêutica também tem a ver com explicar. Explicar é clarificar algo. A clarificação de algo que está incompreensível somente é possível quando se considera que a mensagem precisar tornar-se ou ser tornada pela explicação, pro me, ou seja, “para mim”. Particularmente no caso do aconselhamento, isso é fundamental quando uma pessoa em meio às lágrimas não consegue “enxergar” respostas, saídas. Cabe ao Hermes clarificar – neste caso, explicar pode simbolicamente ser compreendido como enxugar as lágrimas! – a verdade de forma que ela faça sentido na respectiva situação de vida. Caso a verdade não se tornar encarnada – verdade desencarnada não é verdade, mas mentira!

⁴² CLINEBELL, 2007, p. 25.

–, ela não fará sentido, portanto, não será libertadora, curadora, consoladora. Em outras palavras, a verdade não será pro me.⁴³

Essa mensagem possui três características: dizer, explicar e traduzir. A primeira está relacionada ao fato do mensageiro ser fiel ao enunciador original da mensagem que ele está incumbido de dizer, de falar, de exprimir, etc. Ser fiel ao conteúdo de sua mensagem carrega um nível ético importante, pois não depende do que se pensa a respeito da situação da pessoa que se aconselha, mas antes de tudo do que a Palavra de Deus anunciada tem a dizer ao aconselhando.

Wachholz afirma que:

Por isso o conselheiro terá que, inicialmente, dar-se conta de que precisa “morrer para sua verdade e preconceitos” ao dizer, afinal, que a verdade não é a sua verdade, mas, mais do que isso, perceber seu próprio estado de espírito ao dizer a verdade da qual é mensageiro, afinal precisa preocupar-se também com a recepção da verdade pelo aconselhando.⁴⁴

Já a segunda, o explicar, tem a ver com a tradução especificamente para o contexto existencial de uma pessoa que busca resposta para sua situação imediata de vida. A mensagem precisa ser “pro me” (para mim) para ter sentido, precisa fazer sentido para meu contexto específico de vida, responder aos anseios próprios vivenciados pela pessoa imersa numa dada realidade. Trata-se de uma mensagem que seja encarnada na realidade da vida.

Cabe ao Hermes clarificar – neste caso, pode simbolicamente ser compreendido como enxugar as lágrimas! – a verdade de forma que ela faça sentido na respectiva situação de vida. Caso a verdade não se tornar encarnada – verdade desencarnada não é verdade, mas mentira! –, ela não fará sentido, portanto, não será libertadora, curadora, consoladora. Em outras palavras, a verdade não será *pro me*.⁴⁵

Por sua vez, a terceira característica, o traduzir, está relacionado ao jeito de colocar a palavra em formato que venha ao encontro da união de realidades, pois o símbolo une, faz com que realidades se conectem e se comuniquem possibilitando uma nova síntese significativa que responda determinadas questões não simplesmente para

⁴³ WACHHOLZ, Wilhelm. Contribuições da Hermenêutica Filosófica para a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 202-218, jul./dez., 2010.

⁴⁴ WACHHOLZ, 2010, p. 205.

⁴⁵ WACHHOLZ, 2010, p. 205.

a realidade individual, mas para a situação coletiva uma vez que se trata de um compartilhamento de significados. O sentido antes de ser unicamente para o indivíduo é ético na construção social que um grupo todo vivencia e compartilha.

Cabe ao hermenêuta decifrar o que se encontra entre as duas linhas limites, aquela proveniente de quem envia uma mensagem com ética. A partir desse processo hermenêutico a cura pela fala pode se tornar uma possibilidade, pois não se trata simplesmente de um desabafar ou expor pontos de vista em situações de acompanhamento clínico, ou mesmo comunitário, mas é antes de tudo a descoberta de certa performatividade da linguagem nos casos do que se deseja e do que se espera por meio do auxílio capacitado de um aconselhador, o qual é o portador da mensagem. A cura pela fala é dimensionada assim por meio da interação nunca conclusiva, mas sempre em andamento, daquilo que nos foge à consciência e, por vezes, nos remete a impulsos desconhecidos.

Além das situações desconhecidas em seus porquês, existem aquelas situações vivenciadas que são desconfortáveis ou mesmo trágicas. Nesse sentido é que a capacidade de cada pessoa em reagir pode ajudar no processo de aconselhamento. Assim é que o aconselhamento bem orientado, dentro do Grupo de Terapia Comunitária, pode potencializar os indivíduos, atingidos por tragédias pessoais, para que consigam superar situações desagradáveis.

3 RESILIÊNCIA NA TERAPIA COMUNITÁRIA

*Venha para a margem, disse a vida [...]
Eles disseram: temos medo [...]
Venha para a margem, disse a vida [...]
Eles vieram [...]
Ela os empurrou [...]
e eles voaram [...]*

(Guillaume Apollinaire)

Hoje em dia é bastante comum aparecerem ocasiões imprevistas e inéditas, nas quais se sucedem necessidades cada vez exigentes. A sobrevivência nestes contextos requer dos indivíduos a recuperação rápida do equilíbrio nas situações de conflito e instabilidade sob o risco de sucumbirem às adversidades. Conforme uma definição geral e gramatical, o termo resiliência significa a capacidade ou habilidade de retornar ao seu habitual estado de saúde ou de espírito rapidamente, após ser afetado por intempéries.

Já Boris Cyrulnik define a resiliência como uma pérola que resulta da reação da ostra diante de alguma agressão ou de um grão de areia.⁴⁶ Assim como a ostra possui a capacidade de transformar uma agressão, um áspero grão de areia, em algo muito valioso, da mesma forma o ser humano diante de um evento trágico, que gera marcas e sofrimento para além do tempo, também possui capacidades de reação e transformação da dor em possibilidades criativas, e revela – dessa forma – ricos resultados que podem aparecer em muitas formas de capital cultural ou social.

Diante de experiências traumáticas ou um evento fatídico, seja isso proveniente de uma catástrofe natural ou de um evento desencadeado pela vontade humana, a pessoa resiliente possui capacidade de reação e retomada da vida a despeito das vicissitudes da vida.⁴⁷ Nesse sentido, uma pessoa pode ou se tornar vítima, ficando refém das dificuldades de adaptação diante da dor e dos danos causados, ou mesmo se prender em patologias de ordem psíquica, ou se tornar uma pessoa resiliente. A

⁴⁶ VILLAÇA, Hilda. *Narrativa e Resiliência em Documentário*. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/06/analise_hilda_vilaca.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2013.

⁴⁷ MELILLO, Aldo; OJEDA, Néstor Suárez (Orgs.). *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*. Buenos Aires: Paidós, 2001. p. 83.

resiliência se consubstancia na capacidade de uma pessoa correr contra a maré e lidar com as adversidades cotidianas da vida.

Podemos afirmar que a resiliência é como um elástico o qual pode ser esticado ao máximo, e em seguida consegue voltar para sua forma relaxada. Dessa forma, as experiências ao longo da vida vão dando a elasticidade necessária para que ela possa ganhar segurança diante das adversidades. A resiliência possibilita a procura por novas experiências, pois o conhecimento de *si mesmo* ajuda a pessoa a se ligar mais fortemente aos outros, recebendo e dando apoio.

A ideia de resiliência surgiu primeiramente na engenharia, e depois começou a ser explorada pela psicologia. Costuma-se olhar a noção de resiliência como a capacidade que os indivíduos possuem para resistir às dificuldades. Nos termos da engenharia, o conceito consiste na capacidade de resistência que os materiais físicos possuem ante as adversidades. Em física, a resiliência consiste na propriedade por meio da qual a energia é retida em um corpo deformado e devolvida, quando da cessação da tensão causadora de uma determinada deformação elástica. Aplicado à psicologia, a resiliência surge ligada ao conceito de traumatismo psíquico dos quais os indivíduos conseguem emergir desde recursos internos que possibilitam superar um determinado acontecimento traumatizante, seja motivado por causas do meio ambiente natural ou social.

Nesse sentido, sempre surge à questão a respeito dos elementos que explicariam o que permite a alguns indivíduos superarem certos acontecimentos melhores que outros, os quais perante os mesmos acontecimentos ficam aprisionados a eles por muito mais tempo ou mesmo indefinidamente.⁴⁸ A resiliência parece estar fundamentada por três fatores, visualizados na seguinte Figura 1:

⁴⁸ BORIS, Cyrulnik. *La maravilla del dolor*. Barcelona: Granica, 2001. p. 193.

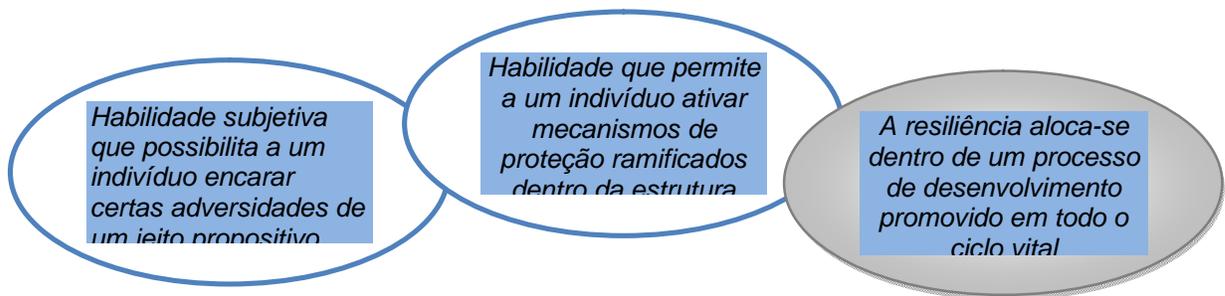


Figura 1: Fundamentos da resiliência.

Fonte: Figuras baseadas em GARCIA, Cátia Pereira.⁴⁹

Existem diferenças nas capacidades entre as pessoas. Essas diferenças podem aparecer no dia a dia profissional e ser uma forma de correspondência das estruturas psíquicas dos indivíduos à estrutura biossocial ou ser uma construção complexa entre os muitos fatores presentes na elaboração de um indivíduo como ser social. O fato é que existem correspondências variáveis de indivíduos mais dispostos do que outros. Podemos exemplificar isso na Figura 2, a seguir:

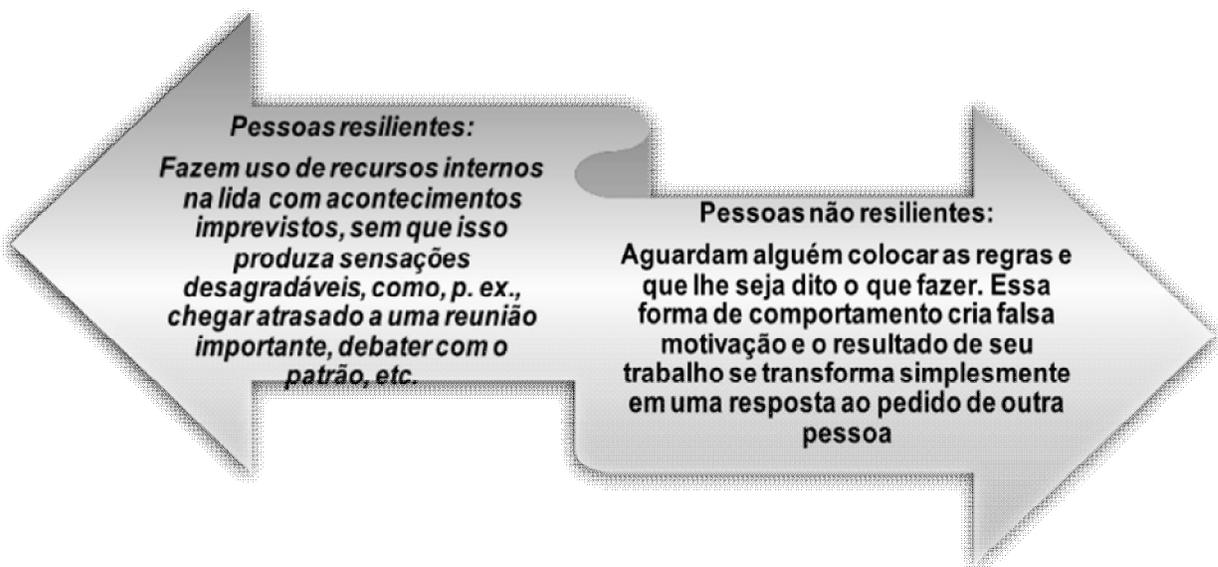


Figura 2: Resilientes e não-resilientes.⁵⁰

⁴⁹ GARCIA, Cátia Pereira. *Resiliência*. Disponível em: <<http://groups.ist.utl.pt/unidades/tutorado/files/resili%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

⁵⁰ GARCIA, 2013.

Algumas das aplicações da resiliência em um indivíduo são as seguintes (Figura 3):

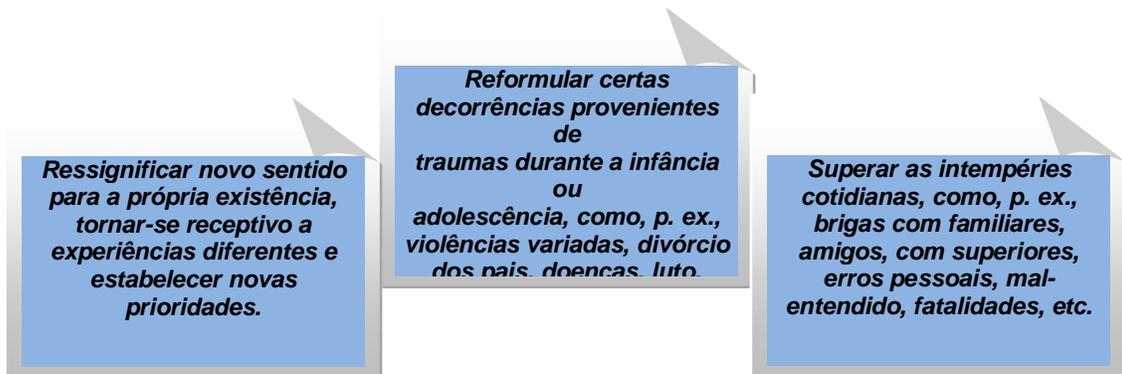


Figura 3: Capacidades resilientes.⁵¹

É preciso referir que resiliência e invulnerabilidade não são termos equivalentes. A sociedade sempre deseja indivíduos resilientes, porém, a verdade é que a sociedade é feita de uma multiplicidade de indivíduos diferentes um dos outros. A massificação e a padronização servem somente aos interesses de uma lógica de mercado que precisa, em grande parte das vezes, de um exército treinado para enfrentar as mesmas situações estressantes.

3.1 O conceito de Resiliência

Vivemos em tempos de turbulência à margem da incerteza. A vida familiar e o mundo que nos cerca mudaram tão dramaticamente nos últimos anos que, embora ansiemos por relacionamentos fortes e duradouros, estamos inseguros sobre como estruturá-los e mantê-los para enfrentar as tempestades da vida.⁵²

As origens etimológicas do termo “resiliência” comportam a ideia presente na física de um retorno ao que se era. Vem do latim a ideia: uma coisa que salta de uma determinada situação para outra, *resilio*, *resilire*, de acordo com Faria, e confirmado por

⁵¹ GARCIA, 2013.

⁵² WALSH, Froma. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. Rio de Janeiro: Roca, 2005. p. 3.

Saraiva, seria derivada da partícula *re*, indicando retrocesso, e *salio* (saltar, pular), significando saltar para trás, voltar saltando.⁵³

No Brasil, o termo “resiliência”, até ser utilizado, a partir do fim da década de 1990, nos estudos de psicologia e se espalhar para um público leigo por meio de matérias de autoajuda veiculadas na mídia, era desconhecido da maior parte da população. Não fazia parte do vocabulário coloquial brasileiro. E o que se poderia saber sobre ele nos dicionários e o que reflete o uso que os falantes da língua fazem de uma palavra era seu significado técnico ligado à física. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, por exemplo, traz as seguintes definições para a palavra “resiliência”: “Resiliência [do inglês: *resilience*] S.f. 1. Fís. Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica. 2. Fig. Resistência ao choque”.⁵⁴

Rocca diz que, a palavra resiliência foi tomada aos conceitos da física, assim como tantos outros conceitos das ciências sociais, e postula uma significação que indica a capacidade de alguém em se recuperar diante de um choque demasiado. É a capacidade dinâmica de uma pessoa retornar a sua condição depois de envergar-se com a força de uma determinada situação.

A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora. No campo da Psicologia, o primeiro que usou, em sentido figurado, o termo resiliência, foi Bowlby e definiu-a assim: “recurso moral, qualidade de uma pessoa que não desanima, que não se deixa abater”. Etimologicamente, resiliência vem do latim *resilio, is, ire, silui, sultum (re, salto)* v. int. e significa “saltar para trás, voltar para trás, saltando”.⁵⁵

Grunspun ensina que a resiliência significa:

⁵³ FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação/Ministério da Educação e Cultura, 1967. Verbetes: Resiliência. p. 1493. SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000. Verbetes: Resiliência. p. 1386.

⁵⁴ FARIA, 1967, p. 1493.

⁵⁵ LARROSA, Susana María Rocca. As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos. Tese. 171 f. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, 2011. p. 16.

Ser transformado com a adversidade inevitável da vida. Ressalta que em um terço das pessoas nas diferentes partes do mundo evidencia-se a resiliência de forma consistente, frente à adversidade. Todos nós temos esta capacidade, qualquer um pode tornar-se resiliente. O desafio é encontrar o caminho para promover a resiliência em indivíduos, em famílias, em escolas e em comunidades [...] A resiliência é um termo emprestado da Física e da Engenharia. Significa que uma barra submetida a forças de distensão até o seu limite elástico máximo volta ao seu estado original quando estas forças deixam de atuar, é uma força de resistência e de recuperação [...].⁵⁶

A capacidade que os indivíduos têm de superar os desafios que muitas vezes são colocados diante da vida ou no cotidiano tem sido um valioso instrumento no atendimento e no tratamento das pessoas e indivíduos de traumas e adversidades que encontramos dentro do Centro de Referência da Assistência Social, CRAS-DF.

Larrosa diz que, segundo Theis, o conceito de resiliência está implicado na noção de se recuperar e dar continuidade à vida depois de um trauma sofrido, um problema de saúde ou uma situação de estresse. Significa adquirir a capacidade de resistir às situações críticas da vida, recompor-se e se reconstruir da melhor maneira possível. A autora argumenta que a palavra em francês, *résiliation*, aponta para um ato de desengajamento de um contrato, uma promessa ou a uma palavra afirmada, e pode ser entendida como um tipo de rompimento de contrato com a adversidade. Ela afirma que Assis interpreta que a palavra estaria implicada na tentativa de transformar as intempéries, os momentos traumáticos e situações difíceis e inevitáveis, em novas perspectivas de horizonte.

Segundo Larrosa, há vários trabalhos que apontam para a dificuldade de estabelecer uma única definição de resiliência assim como de “delimitar o conceito e de decifrar os processos”.⁵⁷ Há mesmo aqueles que chegam a propor um uso plural do termo, isto é, as resiliências.

Ao ouvirmos os relatos de pessoas que chegam ao acolhimento, movidas pela dor ou pelo desamor oferecido pela vida dura que levam, e diante do sofrimento e dos fatos que acontecem no dia a dia da vida dessas pessoas.

⁵⁶ GRUNSPUN, Haim. *Criando Filhos Vitoriosos: quando e como promover a Resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 3-6.

⁵⁷ LARROSA, 2011, p. 17.

Ao identificar esse sentimento nas pessoas que fazem parte do grupo e que estão sendo direcionadas a participar da Roda de Terapia Comunitária, começamos a refletir como a ajuda deve acontecer e de que maneira construímos a partilha e ajudamos na reconstrução e superação de sua “dor”.

Segundo Wasch, “a resiliência envolve lutar bem, experimentar ao mesmo tempo sofrimento e coragem, enfrentar eficientemente as dificuldades tanto no âmbito interno quanto impessoal”.⁵⁸ Para isso, é necessário entender o que é lutar bem, viver juntamente com essa necessidade de se sair bem, enquanto se está na luta, ter coragem e permanecer “em pé”, olhando para frente, sem desanimar e perseverar onde parece sem fim é onde se encontra forças para continuar. “Resiliência é a capacidade de transformar o trauma em crescimento, o sofrimento em competência”.⁵⁹

Larrosa afirma que a

Resiliência não é uma realidade alcançada para sempre, não é absoluta, mas dinâmica, por isso se deveria dizer que uma pessoa é resiliente ou não é resiliente, já que cada um tem momentos e circunstâncias da vida em que consegue lidar melhor com as dificuldades.⁶⁰

Essa capacidade está ligada a cada indivíduo, é pessoal e diz muito sobre sua estrutura psicológica, física e familiar. Está inserida no seu “ser” biológico. Entendemos que cada corpo sente uma necessidade diferente e responde diferente às várias situações principalmente a do sofrimento e da dor. O ser humano também pode mudar e refletir uma situação em vários momentos diferente de sua vida. O constrangimento de falar de uma dor muitas vezes dificulta o processo e a caminhada. Falar da dor, muitas vezes gera mais sacrifício e dor, estimula todo o organismo a pensar e a vivenciar uma nova “dor”. Querer dividir essa parte do sentimento muitas vezes é difícil e vem um sentimento de culpa por não conseguir ter um êxito favorável a não ser o

⁵⁸ WASCH, 2085, p. 6. Melillo e Ojeda argumentam ainda que “para as ciências humanas o conceito de resiliência está relacionado à possibilidade da pessoa se construir positivamente frente às adversidades. Entender os princípios da resiliência é refletir sobre a capacidade de superação e evolução humanas. O mundo começou a estudar a resiliência a partir do estudo das características pessoais e comportamentais de pessoas consideradas pilares na superação exitosa de situações graves de escassez e violência” (MELILLO, A. OJEDA, E. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed. 2000).

⁵⁹ BARRETO, A. *Terapia Comunitária Passo a Passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008. p. 101.

⁶⁰ LARROCA, 2011, p. 12.

sentimento da dor. Ter coragem para abrir a “boca” e falar da sua dor, talvez seja para os fortes, mas como entender um sentimento e usá-lo como uma força a seu próprio favor e interesse.

A cada sentimento de dor, uma nova sequela nas emoções, no corpo, na mente, na cabeça, sentimentos que vão tomando conta de maneira que alcança não somente as partes emocionais, mas também penetram nas partes físicas do corpo humano. Sentimentos que estragam e comprometem tanto o psíquico como a parte motora de milhares de pessoas. Como lidar com essa determinada situação a cada tempo na história de cada indivíduo. A impotência diante da realidade vivida por tantos indivíduos no decorrer do curso da vida. Segundo Vanistendael a resiliência tem duas dimensões básicas: a resistência à destruição e a capacidade de reconstrução.⁶¹

Larrosa argumenta que:

Várias pessoas relatam que a experiência de sentir-se reconhecidas, amadas e cuidadas por Deus, pelas pessoas, pelo grupo ou comunidade, foi fonte de fortalecimento humano e espiritual, de superação da adversidade, e que potencializou o processo de cura interior.⁶²

O sentimento de fazer parte de pertencimento a um determinado grupo nos leva a um sentimento de êxtase (que é o comportamento vivido por alguém que está sob o efeito de algum tipo de remédio), portanto passamos a gostar e ter uma garantia de algo que é sempre bom, divertido, alegre, é um sentimento agradável. Nesse momento o grupo tem favorecido os indivíduos a continuarem a sua jornada, apoiados para enfrentar o dia a dia, uma jornada difícil, mas que aos poucos pode ser superada.

Uma nova forma de olhar a resiliência é associar ao plano espiritual que cada indivíduo escolhe para sua vida, essa plataforma está muitas vezes à disposição de cada pessoa, mas muitas vezes não é a escolhida.

⁶¹ VANISTENDAEL *apud* POLETTO, M; KOLLER, S.H. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL’AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H; YUNES, M. A.M (Orgs.). *Resiliência e Psicologia Positiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

⁶² ROCCA, 2011, p. 17.

3.2 Resiliência para Terapia Comunitária

A resiliência tem sido um fenômeno comum na história do ser humano uma vez que está relacionada ao fato de ter que lidar sempre com situações adversas e luto. Essa capacidade que o ser humano vem desenvolvendo faz parte da estrutura de sentido que o ser humano lança aos fatos vivenciados e interpretados conforme as possibilidades de cada situação e momento. Larrosa diz que:

A resiliência, entendida como a capacidade de superar as situações adversas, é um esforço do ser humano de todos os tempos. As contribuições de Freud e a psicanálise, especialmente os estudos do inconsciente e do desenvolvimento psicosssexual, ajudaram a pesquisar a vulnerabilidade do ser humano, os efeitos negativos e as repercussões traumáticas após certos fatores adversos ou situações críticas, abrindo espaço a análise das possibilidades ou não terapêuticas. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores observaram indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos. Até observou-se que algumas crianças, adolescentes e adultos, não só são capazes de continuar projetando-se no futuro, mas também de aprender e sair fortalecidos com as adversidades ou situações traumáticas. O paradigma da resiliência, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades, dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os chamados “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência”, isto é, as forças positivas do ambiente circundante e as capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida, a fim de fomentá-las e promovê-las.⁶³

A vida em comunidade pode ajudar o indivíduo a superar questões existenciais. Ser resiliente é ter a capacidade de enfrentar crises, traumas, perdas, graves adversidades, transformações, rupturas e desafios, elaborando as situações e recuperando-se diante delas. A fé em Deus como um fenômeno social, antes de tudo, possui seus elementos estruturados a partir da vivência comunitária, a qual é um fenômeno social e histórico. A espiritualidade que cada indivíduo traz para o grupo gera um fortalecimento e crença de que tudo vai passar, mas precisa da fé para continuar. Dentro desse ambiente específico é que o ser humano aprende a lidar com situações adversas reivindicando significações que permitam a não desestruturação completa da

⁶³ ROCCA, Suzana. A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. IHU online. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1429&secao=241>. Acesso em: 16 mai. 2013.

⁶¹ ROCCA, 2011, p. 17.

individualidade, quando esta enfrenta tragédias e adversidades tanto no âmbito pessoal quanto social.

A fé, vivida como confiança em um Deus presente e força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Daí as implicações para o contexto religioso, lugar privilegiado para acompanhar esse processo de superação das adversidades, desafiando os estudiosos e a comunidade de fé a redimensionar com esta ótica tantos recursos pessoais e comunitários que podem ser oferecidos por meio das celebrações, dos variados serviços e atividades religiosas. Quanto à vida de grupo, basta ver o apoio que oferecem os grupos de pessoas que se reúnem para elaborar e ajudar-se a superar situações traumáticas semelhantes (fazendas de recuperação, grupos de enlutados, portadores de doenças crônicas específicas, etc.). No caso da juventude, a formação de grupos (tribos) constitui uma singular força de apoio que favorece os vínculos, o sentimento de pertença e a busca da identidade. O engajamento com outros para superar adversidades e a união para lutar por causas sociais comuns, sob o enfoque da resiliência, podem ser instrumentos propícios para promover também as capacidades próprias de lidar e superar as situações traumáticas.⁶¹

Ela afirma a importância de uma filosofia de vida para viver, uma filosofia ou uma perspectiva de vida religiosa ou não. O importante é que exista um conceito de existência pela qual a vida possa ser identificada em momentos adversos.

Na maioria dos estudos e pesquisas sobre o tema, se fala da importância da filosofia de vida, de ter um sentido para viver ou por quem viver. Outros destacam a relevância de ter uma convicção religiosa, um sentido transcendente, uma fé, uma crença espiritual. Mas nem todos os autores abordam e desenvolvem da mesma forma estes aspectos. Alguns, por exemplo, analisam a importância da busca de sentido, contudo não citam ou fazem pouca menção ao tema religioso. Não conheço nenhum autor que tenha minimizado a importância da busca de um sentido de vida e de um sentido para superar a adversidade. Inclusive, já antes de se desenvolver as pesquisas sobre a importância do sentido como pilar de resiliência.

O autor argumenta que “mesmo nas situações mais absurdas, dolorosas e desumanas, a vida tem um significado em potencial e, portanto até o sofrimento tem sentido”.⁶⁴ A resiliência resulta de vários fatores, tais como internos, como a formação da subjetividade, e externos, como a estruturação psíquica de cada pessoa no encontro com circunstâncias sociais, econômicas, políticas e culturais, permitindo o surgimento de um sentido à própria vida através do estabelecimento de um norte, de uma direção que dê parâmetros aos objetivos e projetos na vida de uma pessoa. Por isso, é

⁶⁴ FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido: um psicólogo no Campo de Concentração*. Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/EmBuscaDeSentido-ViktorFrankl.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2013.

admissível dizer que tanto aprender a ser resiliente quanto aumentar o grau de resiliência é algo possível de ser desenvolvido. Certas questões ligam-se com a estruturação biológica, por assim dizer.

Para uma pessoa se tornar resiliente, é preciso muita força de vontade e procurar alguém que lhe ajude um especialista ligado à área pastoral ou um profissional clínico, ou mesmo um terapeuta comunitário. O indivíduo precisa buscar ajuda para enfrentar certas situações existenciais adversas, ou mesmo definir objetivos de vida, ser mais otimista, respeitar seu próprio comportamento e fortalecer sua estrutura emocional, conhecendo melhor suas limitações e capacidades, isto é, sua inteligência emocional.

Outra coisa importante é contar com o apoio do grupo em que se está inserido, e com o amor das pessoas que nos rodeiam, “resiliência é uma dança bem sucedida na música da vida. Não uma dança com bailarinos solitários: ela pede parcerias, empatia, encontros. Ela fala de amor”.⁶⁵ Nesse sentido, a comunidade de fé é de fundamental importância para o desenvolvimento de pessoas resilientes.

3.3 O Aconselhamento Pastoral para a Terapia Comunitária

Somente no seio de uma comunidade de fé o aconselhamento pastoral pode ser eficaz. É na comunidade de fé que se dá o encontro com a espiritualidade e com as realidades vivenciadas por cada pessoa desde essa perspectiva de fé permeada pela tradição da fé cristã. Larrosa argumenta que é no contexto comunitário que a resiliência se desenvolve.

Tudo indica que a resiliência não é um processo capaz de se desenvolver fora de um contexto. São as pessoas, os grupos, a sociedade, os que disponibilizam, ou não, as ajudas necessárias para desencadear ou para continuar o processo de superação de situações adversas ou traumáticas.⁶⁶

⁶⁵ ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza. *Aspectos transdisciplinares de pesquisa-formação-ação com pessoas envolvidas com a questão do morador de rua*. Disponível em: <http://cetrans.com.br/artigos/Aparecida_Magali_de_Souza_Alvarez_et_al.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2013.

⁶⁶ LARROSA, 2011, p. 124.

No entanto, o que é comunidade de fé? Uma comunidade de fé é a realização da comunhão em Cristo como o Ressuscitado. E no serviço ao próximo e no amor imerecido a todos os seres humanos que se atrela a perspectiva de comunidade de fé. Hoss argumenta que:

A comunidade cristã nasce em torno da fé no Ressuscitado. Esta centralidade e fundamento último da comunidade cristã foram recuperados na igreja católica – perspectiva adotada neste trabalho – pelo Concílio Vaticano II. Viver em comunhão é uma necessidade vital do ser humano. É nas relações que ele descobre sua identidade e sentido da sua própria existência humana. Sendo a comunidade cristã um espaço de promoção da plenitude da vida vivida e anunciada por Cristo.⁶⁷

A comunidade de fé possibilita que a vida cristã assuma suas incumbências como igreja que proclama ao mundo o amor de Deus por meio de determinadas mediações por que passa a existência cristã, tais como a diaconia (ação social), a koinonia (comunhão), o kerigma (proclamação), a liturgia (serviço) e a caridade em todos os seus sentidos. A comunidade de fé é a expressão da experiência substanciada do povo de Deus vivendo sob suas orientações. É a vivência da comunidade como sacramento ou sinal da união com Deus por meio dos sacramentos. Na vivência concreta a comunidade consegue colocar em prática as questões concernentes ao seguimento de Jesus. Barreto afirma que o pensamento sistêmico ajuda a perceber as conexões que a vida em sociedade, a vida como uma complexa rede interligada, implicam para a existência do indivíduo. Ele argumenta que:

O pensamento sistêmico nos diz que as crises e problemas só podem ser entendidos e resolvidos se forem percebidos como partes integradas de uma rede complexa, que ligam e interligam as pessoas num todo. Somos um todo, em que cada parte influencia e interfere na outra parte. Portanto, se o sofrimento humano é decorrente do macro-contexto socioeconômico político e social, as respostas devem ser também sistêmicas, mobilizando recursos da multiculturalidade brasileira.⁶⁸

O pensamento sistêmico que ajuda a terapia realizada em comunidade vincula na promoção da saúde com todas as forças vivas da comunidade, elas devem ter um

⁶⁷ HOSS, Geni Maria. A comunidade de fé cristã: Lugar do *acontecer Igreja* à luz dos valores evangélicos. PERETTI, Clélia (Org.). Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>>. Acesso em: 13 mai. 2013.

⁶⁸ BARRETO, 2008, p. 37.

papel ativo, integrando saberes oriundos dos mais diferentes contextos socioculturais e ampliando as redes solidárias de promoção da saúde emocional e afetiva por meio da vivência comunitária. Dessa maneira, a cultura e a religião podem ser vistos como recursos valiosos que podem ser mobilizados e articulados com outros conhecimentos na busca do enfrentamento dos problemas sociais e construção de uma vivência mais ambientada e em harmonia. Esse tipo de abordagem se caracteriza por ser um espaço da palavra, da escuta e, fundamentalmente, da construção de vínculos, com o intuito de oferecer apoio a indivíduos e famílias que vivem situações de estresse e sofrimento psíquico que vêm com a experiência de adversidades. Não se trata de resolver os problemas das pessoas, e sim, suscitar uma dinâmica que possibilite a criação de uma rede de apoio aos que sofrem e aos que se sentem sozinhos na caminhada da vida, redes de apoio mútuo.

O aconselhamento pastoral ajuda a fortalecer essas maneiras de construir redes solidárias. No desenvolvimento de suas etapas, a disponibilidade para aprender e crescer com os problemas torna-se o amálgama que solidifica o grupo na caminhada para superação de suas dificuldades. As pessoas marcadas pela resiliência são fontes de agregação, exemplo e referência de superação. O que mais fortalece o grupo é perceber que mesmo sofrendo, e exatamente por esta razão, a pessoa resiliente desenvolveu uma capacidade ímpar de refazer sua vida positivamente e mais ainda, partilhar esse aprendizado com outras pessoas ao longo do caminho. Em uma Roda de Terapia Comunitária confluem todas as situações propícias para a transmissão desse aprendizado, e o mais preponderante, é que acontece sob a forma de grupo.

Trazendo o Aconselhamento Pastoral, para a terapia comunitária pode-se afirmar que no momento vivencial das etapas dessa metodologia, as pessoas vão se encontrando e realimentando-se umas às outras como uma ostra ferida, como diz Rubem Alves:

Ostra feliz não produz pérola, numa grande joia a iluminar o mundo por meio das relações interpessoais sadias. Isso também lembra ainda a figura da

lagarta, a qual depois de um tempo em seu casulo transforma-se numa bonita borboleta.⁶⁹

Os objetivos de uma terapia que seja desenvolvida comunitariamente tem como postulado a afirmação da importância da autoestima das pessoas como passo fundamental para qualquer trabalho terapêutico. Estimular a autoestima das pessoas e comunidades – como recursos imprescindíveis no enfrentamento das dificuldades e do encontro de soluções adequadas e de melhoria da qualidade de vida – torna-se imprescindível para o sucesso do desenvolvimento da resiliência. Muitos se perguntam o que seria a autoestima? Algumas respostas procuram versar sobre um estado permanente e dinâmico de autossatisfação e estranhamento em relação a si e ao outro, um exercício de alteridade. Essa dinâmica ajuda a evitar a personalidade demasiadamente narcisista. O que seria então uma autoestima saudável?

Pode-se sintetizar o conceito de autoestima como a opinião acerca de si mesmo (autoconceito), somada ao valor ou sentimento que se tem de si mesmo (amor próprio e autovalorização), adicionada a todos os demais comportamentos e pensamentos que demonstrem a confiança, segurança e valor que o indivíduo dá a si (autoconfiança), nas relações e interações com outras pessoas e com o mundo. Este autor afirma que ter autoestima “é ser confiante, acreditar em si e em sua capacidade”.⁷⁰

Muito se pensa da autoestima como um estado permanente de admiração e contentamento consigo mesmo a ponto de impossibilitar a recepção das críticas e das mudanças ambientais. Por esse viés compreende-se o fenômeno como um estado egoico, acrítico e de autossatisfação. Pelo contrário, uma pessoa ter alta autoestima significa ela reconhecer suas potencialidades e dificuldades não acriticamente, mas de forma crítica e com abertura para o crescimento a partir do olhar dos outros. A baixa autoestima é, sim, uma permanente indiferença ou insatisfação que a pessoa tem consigo mesma. A rigidez e a inflexibilidade em algum desses opostos, de baixa ou alta estima, são perniciosos para o desenvolvimento humano, pois excluem a capacidade

⁶⁹ ALVES, Rubem. *Ostra Feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta, 2008.

⁷⁰ CAMAROTTI, Maria Henriqueta. *Resiliência: quando a lagarta se torna borboleta*: Reflexão sobre a resiliência e a Terapia Comunitária Integrativa. Disponível em: <http://www.mismecdf.org/novosite/artigodomes/02-2012-Resiliencia_quando_a_lagarta_se_torna_borboleta.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2013.

de autorreflexão sobre as atitudes perante a vida e distorce a visão crítica que a pessoa pode ter sobre si mesma e sobre a realidade que a cerca.

Uma segunda coisa fundamental para o processo de terapia comunitária é o acolhimento da própria fé, essa espiritualidade que cada indivíduo carrega dentro de si, essa experiência com “Deus”, sua divindade. É importante pontuar a necessidade do significado que têm o gesto e a linguagem, articulados dinamicamente, expressões tão importantes nas relações humanas. Há que se harmonizarem essas duas ações de forma que o ato de acolher seja percebido como falas e atitudes genuinamente expressadas pelos conselheiros quando acontecem as ações comunitárias.

O acolhimento é uma forma terapêutica da pessoa se sentir protegida e acolhida num contexto que é amigável. Nesse contexto as falas e os gestos são amigáveis.

Numa terapia desenvolvida comunitariamente é possível ver que a fase do acolhimento é o momento no qual as pessoas são recebidas, integradas ao grupo, tranquilizadas de suas preocupações e ansiedades, ou mesmo aquelas que já são parte da comunidade há muito tempo podem ser integradas. Trata-se de uma “metodologia” gradativa na qual as explicações iniciais tranquilizam os participantes e evitam o desencadeamento de ansiedades ou outros sintomas ligados ao momento de expectativas.

O sigilo é um importante ingrediente pra tranquilizar os participantes, pois saber que as coisas ditas e sentidas, expressas, se restringem ao grupo ajuda a criar confiança. Nas reuniões os procedimentos propostos pelo terapeuta devem reforçar sempre a ideia do grupo como um espaço aberto para falar ou não falar se expressar da maneira como cada um consegue ou deseja. Assim, o Terapeuta Comunitário transmite ao grupo a tranquilidade de que as falas soltas ou de que as *interpretações equivocadas* não causarão reações emocionais ou descompensações dos participantes. O acolhimento pode permitir ao grupo um espaço sadio, seguro e envolvente de fala, no qual as pessoas têm confiança para se abrir e compartilhar seus problemas.

CONCLUSÃO

Vimos que a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) implica na conjugação de vários aspectos teóricos que intentam coordenar a ação dos terapeutas comunitários na condução de uma prática ordenada de superação de adversidades. Estes pressupostos são alguns elementos com várias abordagens teóricas.

Nessa conjugação podemos realizar uma síntese que venha responder a alguns pontos importantes de uma Terapia Comunitária como um processo de integração do indivíduo a sociedade.

A Terapia Comunitária no âmbito do CRAS/CREAS do Gama, o Papel do Terapeuta Comunitário, os Passos da Terapia Comunitária, cada um traz em sua concepção características importante para a mediação dos problemas encontrados no dia a dia. Foi através da História da Filosofia Grega, que recebemos a contribuição da Ética, Arendt considera a prática de um agir visando determinada situação, está ligado ao respeito e ao bem comum.

Uma ética que está implicada na política, não se trata de uma ética que permite a substancialização de uma política, mas de uma política que permite uma forma diferente e específica do fazer de modo correto e humano. A ética é assim um jeito de condução política, não criadora, mas criada, a qual está sujeita aos princípios da qualidade de vida que a política permite.

É essa visão da ética que podemos introduzir na Terapia Comunitária procurando dar importância a cada indivíduo e respeitando a todos, seja uma pessoa importante em sua comunidade, garantida pelo seu espaço de escuta e de fala. Responsabilidade de todos de apoiar e ajudar. A resiliência surge na Terapia Comunitária como um fenômeno comum na história do homem, uma vez que ela lida o tempo todo com situações adversas e luto. A fala, o constrangimento da dor, que muitas vezes dificulta o processo da caminhada, o grito, e o pedido de ajuda, o socorro que muitas vezes é negado, mas, sobretudo a transformação dessa dor em uma experiência nova e melhor.

O Aconselhamento Pastoral chega como um aporte de Fé, que reproduz em cada pessoa um encontro com sua espiritualidade. Clinebell argumenta que, num mundo onde a sociedade beira o caos, as loucuras, os valores, os princípios e o modelo de vida, são vários os artifícios das ciências clínicas e sociais encontrados nesses desafios da vida. Várias são as propostas para que os indivíduos entendam melhor suas perdas e fracassos.

O Aconselhamento Pastoral chega com uma interpretação que busca ligar simbolicamente o homem a sua espiritualidade a qual tem por intérprete o aconselhador, e as coisas internas ao aconselhando. Esse processo está mergulhado num mundo de significados, o mundo social, cultural e político no qual a pessoa pode buscar uma ajuda.

Com o apoio de alguém preparado, como um Aconselhador Pastoral, a pessoa pode fazer a síntese entre a mensagem externa (Evangelho) e as condições internas (subjetividade) que permite a ela sintetizar e mudar, para seguir em frente, procurando amenizar a sua dor.

O importante é fazer uma caminhada melhor na vida, sempre procurando cuidar de quem vive ao seu lado.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Odílio Alves. *Natureza, beleza e política segundo Hannah Arendt*. Disponível em: <http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/natureza,_beleza_e_politica_segundo_hannah_arendt/odilio_aguiar_179-194.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2013.
- ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza. *Aspectos transdisciplinares de pesquisa-formação-ação com pessoas envolvidas com a questão do morador de rua*. Disponível em: <http://cetrans.com.br/artigos/Aparecida_Magali_de_Souza_Alvarez_et_al.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2013.
- ALVES, Rubem. *Ostra Feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta, 2008.
- ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.
- _____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. Pensamento e Considerações Morais. In: *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco. Poética*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).
- BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia Comunitária: passo a passo*. 3. ed. Fortaleza: LCR, 2008.
- BARRETO, Adalberto; RIVALTA, Míriam. *Avaliação da Eficácia da Terapia Comunitária*. MISMEC – Movimento Integrado de Saúde Mental do Estado do Ceará. 2008. Disponível em: <<http://www.abratecom.org.br/publicacoes/01-Discertacoes/pdf/DissertacaoAnaLuciaCostaSilva.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2013.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes; 2008.
- BORIS, Cyrulnik. *La maravilla del dolor*. Barcelona: Granica, 2001.
- BRAGA, Luciene Alves Vieira. *Terapia Comunitária e Resiliência: história de mulheres*. Dissertação. 130 f. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- CAMAROTTI, Maria Henriqueta. *Resiliência: quando a lagarta se torna borboleta: Reflexão sobre a resiliência e a Terapia Comunitária Integrativa*. Disponível em: <http://www.mismecdf.org/novosite/artigodomes/02-2012-Resiliencia_quando_a_lagarta_se_torna_borboleta.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2013.
- CAMAROTTI, Maria Henriqueta; HUGON, Nicole. *Acolhimento na Terapia Comunitária Integrativa*. Disponível em:

<http://mismecdf.org/novosite/artigodomes/01-2013-Acolhimento_na_Terapia_Comunitaria_Integrativa.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2013.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CLINEBELL, H. *Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Libertação e Crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

DICIONÁRIO HOUAISS. São Paulo: Instituto Antônio Houaiss, 2012. Verbetes: Terapia. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

DICIONÁRIO MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Verbetes: Terapia. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=terapia>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

DUARTE, A. Hannah Arendt e a modernidade. Esquecimento e redescoberta da política. *Trans/Form/Ação* [online], v. 24, n.1, p. 249-272, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732001000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2010.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação/Ministério da Educação e Cultura, 1967. Verbetes: Resiliência.

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido: um psicólogo no Campo de Concentração*. Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/EmBuscaDeSentido-ViktorFrankl.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2013.

GARCIA, Cátia Pereira. *Resiliência*. Disponível em: <<http://groups.ist.utl.pt/unidades/tutorado/files/resili%C3%Aancia.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

GRANDESSO, Marilene. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.

GRUNSPUN, Haim. *Criando Filhos Vitoriosos: quando e como promover a Resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2006.

HOSS, Geni Maria. A comunidade de fé cristã: Lugar do *acontecer Igreja* à luz dos valores evangélicos. PERETTI, Clélia (Org.). Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>>. Acesso em: 13 mai. 2013.

KANT, Immanuel. *Fundamento da metaphysica dos costumes*. São Paulo, SP: Edições e Publicações Brasil, [19--].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: As entidades de Assistência Social Privadas sem fins lucrativos no Brasil. Rio de Janeiro, 2007.

LARROSA, Susana María Rocca. As contribuições da espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos. Tese. 171 f. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, 2011.

LEBELL, Sharon. *Epicteto: a arte de viver: uma nova interpretação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

MASTEN; GARMEZY *apud* CECCONELLO, Alessandra Marques. *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese. 317 f. (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MELILLO, A. OJEDA, E. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed. 2000.

MOREIRA, Lúcia; CARVALHO, Ana Moreira. *Família e educação*. São Paulo: Paulinas, 2010.

OLIVEIRA, Kathlen Luana de. *O acontecer ético na cidade: entre o singular e o comum*. Trabalho apresentado na Disciplina: Seminário de Ética: A Felicidade e a cidade, sob coordenação do Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper. 26 nov. 2010.

ROCCA, Suzana. A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. IHU online. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1429&secao=241>. Acesso em: 16 mai. 2013.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000. Verbetes: Resiliência.

SERRA, Maria Olívia; BONFIM E SILVA, Cacilda. A Questão Ética em Hannah Arendt. *Cad. Pesq., São Luis*, v. 14, n. 2, p. 09-118, jul./dez. 2003. Disponível em: <[http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%208\(8\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%208(8).pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2013.

TERAPIA COMUNITÁRIA. Transcrição do DVD *Terapia Comunitária: conversa com Adalberto de Paula Barreto*. Disponível em: <<http://luizsarmento.blogspot.no/p/terapia-comunitaria.html>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética?* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1994.

VANISTENDAEL *apud* POLETTTO, M; KOLLER, S.H. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H; YUNES, M. A.M (Orgs.). *Resiliência e Psicologia Positiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

WACHHOLZ, Wilhelm. Contribuições da Hermenêutica Filosófica para a Poimênica e o Aconselhamento Pastoral. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 202-218, jul./dez., 2010.

WALSH, Froma. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. Rio de Janeiro: Roca, 2005.

ANEXOS



Foto 1 – Terapia Comunitária Grupo CREAS/CRAS- Gama “Mulheres do Bolsa Família”



Foto 2 Terapia Comunitária Grupo CRAS - Gama “Mulheres do Bolsa Família”



Foto 3 Terapia Comunitária Grupo CREAS/CRAS - Gama “Um olhar para a vida”



Foto 4 Terapia Comunitária Grupo CREAS/CRAS - Gama “Reflexão”



Foto 5 Terapia Comunitária Grupo CREAS/CRAS - Gama “Falando sobre o seu problema”



Foto 6 Terapia Comunitária Grupo CRAS/CREAS - Gama “Agradecendo quem falou do seu problema”.

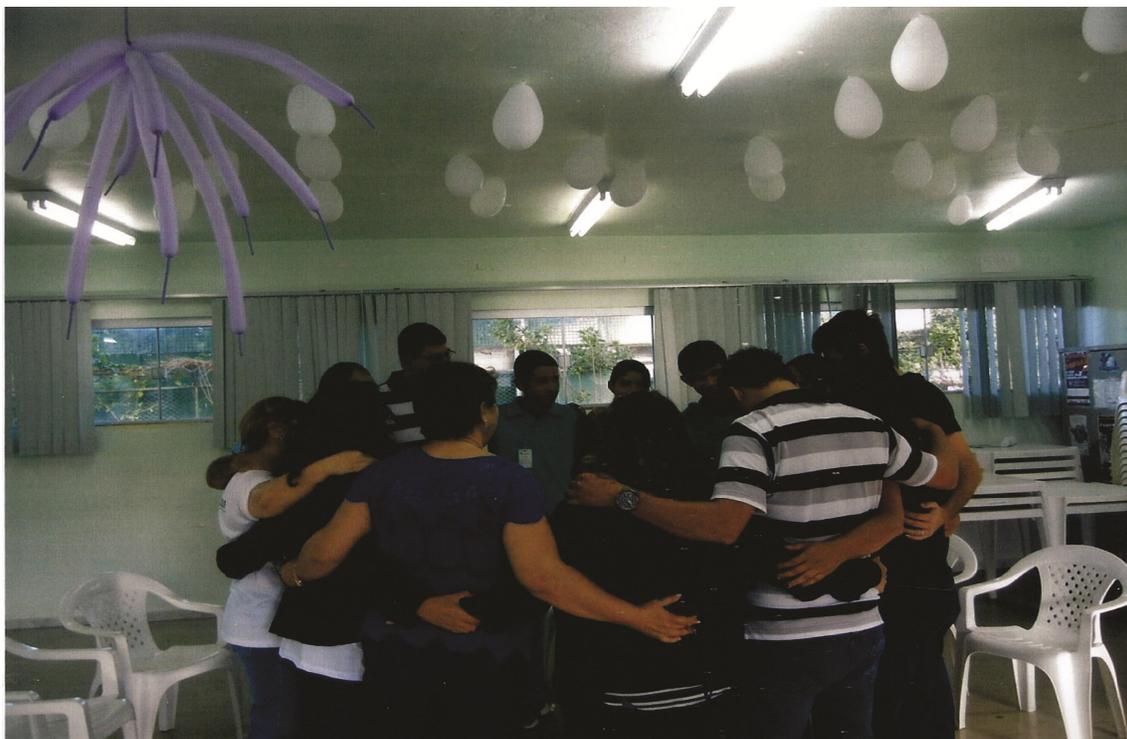


Foto 7 Terapia Comunitária Grupo CREAS/CRAS - Gama “Balançando na Roda”



Foto 8 Terapia Comunitária Grupo CRAS/CREAS - Gama “Momentos de Reflexão”



Foto 9 Terapia Comunitária Grupo CREAS/CRAS - Gama “Libras na Terapia”



Foto 10 Terapia Comunitária Grupo CRAS/CREAS - Gama “Terapeuta e co-terapeuta”